



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE DESIGN-MODA

ROBYANE MUNIZ ALCANTARA DE SOUSA

MODA E VIOLÊNCIA: COMO A INSEGURANÇA PÚBLICA AFETA O VESTIR
DAS ESTUDANTES DO CURSO DE DESIGN-MODA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ

FORTALEZA
2019

ROBYANE MUNIZ ALCANTARA DE SOUSA

**MODA E VIOLÊNCIA: COMO A INSEGURANÇA PÚBLICA AFETA O VESTIR
DAS ESTUDANTES DO CURSO DE DESIGN-MODA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ**

Monografia apresentada ao Programa de Graduação em Design – Moda da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Design-Moda.

Orientadora: Profa. Dra. Francisca Raimunda Nogueira Mendes

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S698m Sousa, Robyane Muniz Alcantara de.

Moda e Violência: Como a Insegurança Pública Afeta o Vestir das Estudantes do Curso de DesignModa da Universidade Federal do Ceará / Robyane Muniz Alcantara de Sousa. – 2019.
80 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Curso de Design de Moda, Fortaleza, 2019.

Orientação: Profa. Dra. Francisca Raimunda Nogueira Mendes.

1. Moda. 2. Violência. 3. Mulher. 4. Roupas. 5. Corpo. I. Título.

CDD 391

ROBYANE MUNIZ ALCANTARA DE SOUSA

**MODA E VIOLÊNCIA: COMO A INSEGURANÇA PÚBLICA AFETA O VESTIR
DAS ESTUDANTES DO CURSO DE DESIGN-MODA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ**

Monografia apresentada ao Programa de Graduação em Design – Moda da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Design-Moda.

Orientadora: Profa. Dra. Francisca Raimunda Nogueira Mendes

Aprovada em: ___ / ___ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Francisca Raimunda Nogueira Mendes (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Cyntia Tavares Marques de Queiroz
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Emanuelle Kelly Ribeiro da Silva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus, pelo dom da vida.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Regiane Muniz e Antonio Gomes que me ensinaram ser correta, justa e amorosa, em especial à minha mãe por sempre acreditar em mim para realizar esse sonho nosso de cursar uma universidade e por sempre me ajudar quando eu precisava.

Ao meu esposo Kleylton Sampaio por sempre acreditar no meu potencial e cuidar de mim com muito amor e carinho principalmente nos momentos difíceis da vida acadêmica.

Aos amigos que ganhei na universidade, que compartilharam alegrias e tristezas, que ouviram meus desabafos e me deram palavras de encorajamento.

Ao PET, por me acolher, por proporcionar o meu crescimento pessoal e profissional e despertar em mim a paixão pela pesquisa.

Aos professores e à coordenação do curso Design-Moda que contribuíram para a minha formação acadêmica, que me apoiaram e que foram verdadeiros amigos.

Às entrevistadas, pela contribuição no trabalho e por disponibilizarem do seu tempo para que o mesmo atingisse seu objetivo.

Às professoras Cyntia Queiroz e Emanuelle Kelly, pela disponibilidade e pelas valiosas contribuições para o enriquecimento do trabalho.

À professora, orientadora, tutora e amiga Francisca Mendes, por acreditar em mim mesmo quando eu mesma não acreditava. Pelos ensinamentos, críticas e sugestões, sem os quais este trabalho não seria o mesmo e por me guiar no caminho do autodescobrimento.

À Universidade Federal do Ceará por me dar todo o suporte que eu precisei durante esses quatro anos de formação.

“Os outros gostam de falar /Mas eu decido o que vestir / A onde ir sem me importar / Sinto que você precisa / Aprender a respeitar / O meu corpo, a minha lei e você tem que escutar / Quando eu digo não, é não” (LILA, 2016).

RESUMO

Este trabalho tem por finalidade descobrir se houve mudança no estilo de se vestir das estudantes de Design-Moda da Universidade Federal do Ceará em decorrência da violência na questão do medo e a sensação de insegurança pública e como se dá essa relação. Também pretende apontar quais peças de roupa transmitem sensação de segurança para andar nas vias públicas. O trabalho teve como metodologia inicial a pesquisa bibliográfica para a construção do referencial teórico e posteriormente a pesquisa quantitativa e qualitativa, sendo a primeira aplicada através de um questionário via web entre as estudantes do curso sem necessariamente terem sofrido violência e/ou terem mudado seu estilo em decorrência dela. A partir deste questionário foram chamadas quatro estudantes que passaram por um caso de violência e que segundo elas, a roupa pode ter contribuído para o ocorrido. A partir das entrevistas observamos que o medo de sofrer assédio ou ser assaltada faz com as estudantes adotem mecanismos de proteção sendo o principal, a roupa. A mudança de estilo acontece por esse medo e que muitas vezes contraria o gosto. Com o tempo algumas estudantes passaram a gostar desse novo estilo criado na tentativa de se sentir mais segura. Depois de finalizado esse processo verificamos que o medo, gerado pela violência é um dos fatores que influencia na escolha das roupas para andar nas ruas. O transporte, sendo o ônibus o principal meio de locomoção das entrevistadas e o lugar que se pretende ir, também interferem na escolha devido os casos de assaltos e assédios que acontecem dentro do transporte coletivo, e o lugar, por se tratar de locais conhecidos ou não, estigmatizados ou não, ou seja, estão ligados a casos de violência. Foi verificado também que a camiseta e a calça jeans são as peças que mais transmitem sensação de segurança por cobrir boa parte do corpo e por não evidenciar as formas desse corpo.

Palavras-chave: Moda, Violência, Mulher, Roupas, Corpo.

ABSTRACT

This paper aims to find out if there was a change in the style of dressing of Fashion Design students at the Federal University of Ceará due to violence in the issue of fear and the sensation of public insecurity and how this relationship occurs. It also aims to point out which pieces of clothing convey a sense of security to walk on public roads. The study had as an initial methodology the bibliographical research for the construction of the theoretical reference and later the quantitative and qualitative research, being the first applied through a web questionnaire among the students of the course without necessarily having suffered violence and / or having changed their style in consequence of it. From this questionnaire were called four students who went through a case of violence and according to them, the clothes may have contributed to the event. From the interviews we observed that the fear of being harassed or being assaulted makes the students adopt protection mechanisms, the main being clothing. The change of style happens through this fear and that often contradicts the taste. Over time some students have come to like this new style created in an attempt to feel more secure. After finishing this process, we verified that the fear generated by violence is one of the factors that influence the choice of clothes to walk on the streets. Transportation, being the bus the main means of locomotion of the interviewed and the place that is intended to also interfere in the choice due to the cases of assault and harassment that happen inside the collective transport and the place because they are places known or not, stigmatized or not, that is, they are linked to cases of violence. It was also verified that the T-shirt and the jeans are the pieces that transmit more sense of security by covering a good part of the body and by not showing the forms of this body.

Keywords: Fashion, Violence, Woman, Clothing, Body.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Pichação de Facção ameaçando os moradores a saírem de suas casas em bairro de Fortaleza, Ceará.....	25
Figura 2 – Assédio no Brasil entre fevereiro de 2018 a fevereiro de 2019.....	29
Figura 3 - Vestido de cauda: “esconderijo do diabo”	32
Figura 4 – A Virgem com a Criança, de Jean Fouquet (1450)	33
Figura 5 – Penteados e adornos de cabeça das mulheres do Séc. XV.....	34
Figura 6 - Exemplo de vestimenta de 1920.....	36
Figura 7 – Exemplo de vestimenta de 1960	37
Figura 8 – Vestimenta e estilo saudável de 1980	38
Figura 9 – Medida de caráter da mulher pelo comprimento da sua roupa	39
Figura 10 – Macaquinho de C. usado no dia que sofreu assédio.....	53
Figura 11 - Blusa de B. usada no dia que sofreu preconceito.....	57

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Quantidade de violências sofridas pelas estudantes e o tipo	46
Gráfico 2 – Importância de fatores a serem considerados na hora de vestir-se	48

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Peças de roupa que transmitem e que não transmitem sensação de segurança para trafegar nas vias públicas	50
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNI	Confederação Nacional da Indústria
CVLI	Crimes Violentos Letais Intencionais
IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
ICA	Instituto de Cultura e Arte
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
OEA	Organização dos Estados Americanos
PET	Programa de Educação Tutorial
SIPS	Sistema de Indicadores de Percepção Social
UFC	Universidade Federal do Ceará
UNISEG	Unidade Integrada de Segurança

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	METODOLOGIA	20
2.1	Tipo de pesquisa	20
2.2	Área de abrangência	21
2.3	Plano de análise dos dados	21
3	VIOLÊNCIA: CONCEITOS E DADOS NO BRASIL E NO ESTADO DO CEARÁ.....	23
3.1	Violência contra a mulher no Brasil	25
4	GÊNERO: A CULTURA E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO GÊNERO	30
4.1	Visões sobre a mulher na História	31
4.2	O papel das roupas para as mulheres	32
5	GOSTO E ESTILO DE VIDA DAS CLASSES SOCIAIS	40
5.1	Vida pública e máscaras sociais	42
6	MODA VIOLÊNCIA E SUAS RELAÇÕES: ANÁLISE DAS ESTUDANTES DE DESIGN-MODA DA UFC	44
7	MUDANÇA DE ESTILO: COMO A VIOLÊNCIA AFETA O ATO DE VESTIR E VER O OUTRO	51
8	CONCLUSÃO	67
	REFERÊNCIAS	70
	APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS – QUESTIONÁRIO	75
	APÊNDICE B – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS – ENTREVISTA	80

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho buscou investigar se houve mudanças nos modos de se vestir das estudantes do curso de Design-Moda da Universidade Federal do Ceará em Fortaleza na tentativa de evitar violência moral ou física e como se dá essa relação entre violência e roupa. Também se propõe a descobrir algo pouco estudado que é a relação entre moda e violência sob aspectos sociais, de gosto e de estilo. Moda e violência são duas faces que estão presentes na vida das estudantes analisadas, que estão inseridas no contexto de moda como tendência e como costume. Também pelo motivo da maioria serem jovens entre 17 e 25 anos, idade em que muitos não são independentes financeiramente e que fazem uso de transporte público como principal meio de locomoção, pensam mais no que vestir na tentativa de evitar a violência nestes lugares, como é o caso do uso da calça jeans e camiseta como uma forma de se sentir mais segura para usar este tipo de transporte. Pouco é falado sobre o assunto, de como essa violência e a sensação de insegurança pública podem afetar esse público no seu modo de vestir e pensar moda.

A escolha do objeto de estudo partiu de experiências próprias¹ sobre o ato de vestir ser influenciado pela sensação de insegurança e de relatos de algumas estudantes do curso de Design-Moda terem sofrido violência, e em decorrência terem pensado bem mais sobre o que escolher vestir como tentativa de evitar qualquer tipo de violência.

Desta forma, este trabalho pretende contribuir para entendermos como as pessoas desenvolvem suas relações com as roupas, os significados atribuídos a elas e como novos símbolos vão sendo construídos a partir de experiências relacionadas à insegurança nas vias públicas presente na vida das estudantes do curso de Design-Moda da UFC – Universidade Federal do Ceará, e como eu, aluna deste curso, comungo com as realidades apresentadas neste trabalho. Pretende contribuir também para as ciências sociais através de uma análise da sociedade atual e seus dilemas, já que, a moda como reflexo das sociedades pode tornar-se uma ferramenta de estudo do comportamento humano e sua relação com o meio.

¹ Quando eu comecei a ir ao Centro de Fortaleza com mais frequência eu percebi como as pessoas que me acompanhavam se vestiam. Elas que já frequentavam esse ambiente a mais tempo usavam roupas velhas, puídas, de tecidos de algodão devido ao calor, bermudas, shorts desgastados e chinelos. Andando por entre as ruas percebi que esse estilo de se vestir era adotado pela maioria das pessoas que estavam nesse ambiente. No início das minhas idas eu vestia roupas melhores, usava acessórios e sandálias, mas não me sentia bem, os olhares, as histórias de assaltos no Centro e a sensação de que poderia ser assaltada fez com que eu passasse a adotar esse mesmo estilo dessas pessoas na tentativa de passar despercebida para o ladrão. E deu certo. Me sinto muito mais segura e tranquila para andar nas ruas e até o momento nunca fui assaltada e credito tal feito às roupas. A partir dessa experiência adotei esse estilo para a minha vida e passei a perceber então como o medo de ser assaltada, ou seja, a violência, mudou o meu jeito de se vestir.

Compreender o ser humano não é tarefa fácil pois ele é composto de muitos fatores que agem direta e indiretamente sobre a sua forma de pensar e agir. Brandini (2008) afirma que a partir do século XIX o homem passou a atribuir às roupas e aos gestos um indicativo não mais de sua origem social, mas de sua personalidade. O espaço público, aqui colocado por Sennet (1976) como o espaço de contato entre grupos sociais, tornou-se palco para demonstrações e exposições dos “eus”. Também se tornou palco para ações violentas como assaltos, assédios e mortes. Neste caso, a roupa pode vir a ser uma “armadura” para trazer uma sensação maior de segurança e que pode ou não estar relacionada como indicador da personalidade ou classe social.

A violência que acontece nesses espaços públicos fez com que a sociedade tomasse algumas medidas preventivas, como forma de se sentir mais seguro. É o que nos diz a pesquisa Retratos da Sociedade Brasileira – Segurança Pública² realizada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) em 2017 com 2002 pessoas, que revela que 70% dos entrevistados tomaram alguma medida restritiva para evitar a violência. Outro dado mostra que 27% das pessoas mudaram³ o modo de se vestir com o intuito de evitar o risco de assalto ou assédio.

A violência é tema corriqueiro na vida de todos que acabam mudando seus hábitos por medo, principalmente para as mulheres que sofrem com o aumento de casos de feminicídio⁴, que pode ser definida como o uso intencional de poder físico ou ameaça contra si, outra pessoa ou contra uma comunidade que possam vir causar lesões físicas, morais, psíquicas, distúrbios do desenvolvimento ou privação⁵. Está estampada em capas de jornais e revistas, em programas televisivos, na web, que mostram o que vem acontecendo no mundo todo. É sabida e percebida pela população.

De acordo com os índices publicados no Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2017⁶, a violência no Brasil está cada vez maior, a falta de segurança é percebida pela

² Disponível em: <<http://www.portaldaindustria.com.br/estatisticas/rsb-38-seguranca-publica/>>. Acesso em: 8 de maio de 2018.

³ Disponível em: <<http://tribunadoceara.uol.com.br/videos/barra-pesada/medo-da-violencia-faz-moradores-mudarem-habitos-em-fortaleza/>>. Acesso em: 8 de maio de 2018.

⁴ Art. 121 do Decreto-Lei n° 2.848, de 7 de dezembro de 1940 conceitua feminicídio como: [...] forma extrema de violência de gênero que resultam na morte da mulher quando há uma ou mais das seguintes circunstâncias: relação íntima de afeto ou parentesco, por afinidade ou consanguinidade, entre a vítima e o agressor no presente ou no passado; prática de qualquer tipo de violência sexual contra a vítima, antes ou após a morte; mutilação ou desfiguração da vítima, antes ou após a morte [...]”. Disponível em: <http://www.compromissoeatitude.org.br/wp-content/uploads/2013/07/CPMI_RelatorioFinal_julho2013.pdf>. Acesso em: 29 de novembro de 2018.

⁵ Informe mundial sobre la violencia y la salud. 588. Ed. Whashington, D.C: © Organización Mundial de La Salud 2002,2003.

⁶ Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2017/12/ANUARIO_11_2017.pdf>. Acesso em 29 de novembro de 2018.

população que vem mudando seus hábitos pelo medo⁷. No Estado do Ceará isto se tornou mais perceptível a partir das chacinas que ocorreram nos três primeiros meses do ano de 2018 totalizando 35⁸ mortes, e de grupos de facções que comandam o estado de dentro dos presídios.

Na sociedade atual, as mulheres vivem com a sensação cada vez maior da violência, como a doméstica, os estupros, assédios, dentre outros. Em 2015 o Brasil ocupava a 5^o posição no ranking de países que mais matam mulheres. A taxa é de 4,8 homicídios de mulheres a cada 100 mil⁹. O relatório dos Crimes Violentos Letais Intencionais (CVLIs) da Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social, aponta que no Ceará, no ano de 2018, entre os meses de janeiro a abril, a taxa de homicídios de mulheres aumentou quase 250% em comparação com o mesmo período de 2017.

Tendo em vista a relação da moda como vestuário, que sofre influência do meio na qual está inserida e a questão da violência e a insegurança presente na vida de todo indivíduo como um fator social os seguintes questionamentos são levantados: a insegurança pública percebida pela a sociedade influencia de alguma forma no modo de se vestir das estudantes do curso de Design-Moda da UFC? Houve alguma alteração no modo de se vestir por medo da violência? As alterações realizadas no vestuário, como decorrência da insegurança pública, estão relacionadas com o sexo e classe social a que pertencem? O uso ou não de determinadas peças do vestuário proporciona sensação de insegurança nas vias públicas? Em que condições? As estudantes percebem/perceberam alguma mudança quanto as “máscaras sociais” construídas na rua como decorrência do aumento da insegurança pública? Criou-se um novo estilo de vida e conseqüentemente gostos e preferencias a partir da necessidade de se sentir mais segura?

Esses questionamentos que guiaram a investigação deste trabalho foram realizadas pesquisas bibliográficas que serviram de base de conceitos sobre o que é moda e o que é violência, nos quais se firmaram toda a pesquisa. Também foram realizadas pesquisas de caráter quantitativo através de um questionário online com as estudantes matriculadas no curso Design-Moda da UFC – Universidade Federal do Ceará no ano de 2018, no qual foram obtidas 50 respostas.

⁷ Disponível em: <<http://tribunadoceara.uol.com.br/videos/barra-pesada/medo-da-violencia-faz-moradores-mudarem-habitos-em-fortaleza/>>. Acesso em: 10 de maio de 2018.

⁸ Disponível em: <<http://tribunadoceara.uol.com.br/noticias/segurancapublica/35-mortos-em-chacinas-nos-tres-primeiros-meses-de-2018-no-ceara/>>. Acesso em: 13 de maio de 2018.

⁹ Dados do Mapa da Violência 2015 Homicídios de Mulheres no Brasil, disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf>. Acesso em 13 de maio de 2018.

Em seguida foram selecionadas quatro estudantes para serem ouvidas em uma entrevista semiestruturada que constitui a pesquisa qualitativa, na qual foram recolhidas fotos das peças de roupa de algumas¹⁰ destas estudantes que sofreram violência ou que mudaram seu modo de vestir na tentativa de evitar o ato. Nas entrevistas foram tratados de assuntos pessoais e íntimos, por isso foram utilizadas letras no lugar do nome das entrevistadas, a fim de preservar suas identidades. O intuito das pesquisas foi analisar o conceito de violência, insegurança pública, roupa, corpo e gênero; entender como a vestimenta revela os acontecimentos sociais atuais; compreender o ato de vestir-se e em como a insegurança pública pode estar relacionada a ele. Também foram apontadas quais peças de roupas transmitem sensação de segurança e em que lugares isso acontece afim de se ter maior clareza e confiabilidade dos dados recolhidos.

Este trabalho é composto por sete capítulos, sendo a Introdução o primeiro capítulo e o segundo a Metodologia. O terceiro capítulo intitulado Violência: conceitos e dados no Brasil e no Estado do Ceará, apresenta autores que conceituam o tema e dados, que revelam como está a segurança pública atualmente. Também traz as estatísticas sobre a violência contra a mulher no Brasil e como casos deste tipo vem crescendo nos últimos anos. O quarto capítulo, Gênero: a cultura e a construção social do gênero, explana sobre a construção social dos gêneros e em como a sociedade é um fator determinante para essa construção. Também é abordado a história da mulher a partir do período Medieval, como ela era vista pela sociedade da época e como o que foi atribuído a elas ainda se reflete nos dias atuais. Outro ponto neste capítulo busca esclarecer sobre o papel das roupas para as mulheres desde o período Medieval até o início do século XXI e em como essas roupas se transformaram em forma de luta pela classe.

O quinto capítulo chamado Gosto e estilo de vida das classes sociais aborda sobre os gostos e preferências por algo ou alguma coisa, que caracterizam um determinado estilo de vida e sobre o pertencimento e o afastamento de determinados grupos da sociedade e em como o estigma está relacionado com isso. Aborda também sobre a vida pública e máscaras sociais que tratam sobre as mudanças do “eu” nos espaços da vida pública, da vida privada e sobre a “máscaras sociais” que são construídas para o convívio nestes lugares.

No sexto capítulo intitulado Moda, Violência e a Relação com a Vestimenta para Estudantes do Curso de Design-Moda da Universidade Federal do Ceará, que traz os resultados das entrevistas realizadas através de questionário online e no último capítulo, o sétimo, chamado de Mudança de Estilo: Como a Violência afeta o Ato de Vestir e Ver o Outro, são os

¹⁰ Algumas entrevistadas não possuíam as peças que usavam no momento da violência, por isso, foram fotografadas apenas daquelas que estavam em posse dessas roupas.

resultados das entrevistas realizadas com quatro alunas do curso de bacharelado em Design-Moda da Universidade Federal do Ceará (UFC) que sofreram algum tipo de violência e que segundo elas, suas roupas tenham sido um fator determinante para ter sofrido tal ato.

A partir dessa análise foi percebido que a violência foi um fator decisório para que as estudantes mudassem seu estilo de se vestir para transitar nas vias públicas e principalmente para fazer uso de transporte coletivo e que a partir dessa mudança criou-se um novo estilo de vida.

2 METODOLOGIA

2.1 Tipo de pesquisa

Os métodos utilizados neste trabalho foram:

Pesquisa bibliográfica, visto que, pela definição de Fonseca (2002), verificamos que a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos e páginas de web sites, fazendo com que o pesquisador conheça o que já se estudou sobre o assunto afim de auxiliar no desenvolver da pesquisa, desta forma foram analisados livros de autores que tratam da violência, roupa, fichas simbólicas, gosto e estilo.

Outro método utilizado foi a pesquisa quantitativa, que segundo Fonseca (2002), se centra na objetividade e seus resultados são tomados como a realidade de todo o público alvo da pesquisa. Este método foi aplicado entre as estudantes do curso de Design-Moda da Universidade Federal do Ceará no mês de outubro de 2018, em formato de questionário via Google Forms. Segundo Marconi e Lakatos (2003) o questionário é um instrumento de coleta de dados e que deve ser respondido sem a presença do entrevistador, tem como vantagem ser uma técnica rápida e que atinge um maior número de pessoas. A partir dos resultados do questionário foi apontado numericamente a frequência e a intensidade sobre idade, classe social, tipo de violência que sofreu e o lugar, o tipo de roupa que a estudante usava no momento, dentre outras questões.

Com os dados coletados da pesquisa quantitativa foram selecionadas quatro estudantes para a realização de uma entrevista realizada entre os meses de março e abril de 2019, visto que, alinhado com as definições de Marconi e Lakatos (2003), a pesquisa qualitativa se preocupa com aspectos da realidade que não podem ser quantificados como comportamento, experiência pessoal, acontecimentos, gosto e estilo por exemplo. As entrevistas revelaram a percepção das alunas sobre a relação da violência com as roupas e seus modos de se vestir, de modo que houve uma compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.

Este método foi aplicado em um segundo momento após a triagem dos dados coletados na pesquisa quantitativa através de entrevistas com perguntas abertas, feitas pessoalmente. De acordo com Fonseca (2002), a pesquisa quantitativa e qualitativa quando utilizadas em conjunto permitem recolher um maior número de informações do que isoladamente. Nesta etapa foram entrevistadas no mês de março de 2019 quatro estudantes vítimas da violência em decorrência da sua vestimenta, e que foram analisadas a fim de saber

quais peças de roupa transmitem ou não sensação de segurança e em que contexto isto acontece/aconteceu para essas estudantes.

A pesquisa documental foi outro método utilizado dado que sua característica é que “a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, conforme Marconi e Lakatos (2003). Por isso, foi pedido as entrevistadas as roupas que vestiam quando sofreram casos de violência para que fossem analisadas e fotografadas.

2.2 Área de abrangência

Foram investigadas a relação da roupa e a insegurança vivida pelas estudantes matriculadas no curso de Design – Moda da UFC – Universidade Federal do Ceará do Campus do Pici, Fortaleza no ano de 2018. O total de mulheres matriculadas no curso é de 223, o que corresponde a quase 82% das matrículas do curso e foi este o grupo pesquisado. A decisão do público a ser investigado partiu de relatos dessas estudantes sobre violências que sofreram devido à sua roupa. A partir daí os questionamentos sobre gosto e estilo surgiram, sobre como eles podem ser afetados com a sensação de insegurança nas vias públicas decorrente do aumento da violência.

Outro fator a ser considerado foi o aumento da violência no Campus do Pici como assaltos e assédios¹¹. O início das obras do prédio que vai sediar uma nova companhia da Polícia Militar chamada Unidade Integrada de Segurança (UNISEG) do Pici, no terreno cedido pela universidade, e que até o fechamento deste trabalho ainda não havia sido concluída é um reflexo dessa onda de violência. O Instituto de Cultura e Arte (ICA), local em que o curso está inserido situa-se no Campus do Pici¹². É um ambiente multicultural com gostos, estilos e classes sociais diversificados que também vem sofrendo com assaltos¹³ dentro do próprio prédio e em seus arredores.

2.3 Plano de análise dos dados

¹¹ Ver mais em: <http://cnews.com.br/cnews/noticias/123308/estudantes_tentam_driblar_a_violencia_na_ufc>. Acesso em: 15 de outubro de 2018.

¹² Os cursos ofertados no ICA são Cinema e Audiovisual, Dança, Design – Moda, Filosofia, Gastronomia, Jornalismo, Música, Publicidade e Propaganda e Teatro.

¹³ Ver mais em: <<http://www.ufc.br/noticias/noticias-de-2018/11336-unidade-integrada-de-seguranca-do-pici-e-instalada>>. Acesso em: 15 de outubro de 2018.

As informações coletadas a partir da pesquisa bibliográfica foram utilizadas a fim de se conceituar violência, roupa, estilo e gosto. Para a pesquisa quantitativa, os dados foram coletados através de um questionário aplicado virtualmente e os métodos de análise de dados de Bardin (1977) auxiliaram neste processo de triagem. Após esta seleção foi aplicada, com quatro estudantes, a pesquisa de caráter qualitativa, por meio de uma entrevista semiestruturada que foi gravada e posteriormente transcrita. Durante as entrevistas foi solicitado que as jovens levassem as próprias peças para serem fotografadas a fim de mostrar o que estavam usando no momento em que sofreram violência e como é a relação das entrevistadas, atualmente, com tais peças.

O método indutivo foi utilizado para análise dos dados coletados com as pesquisas quantitativa, qualitativa e documental que, segundo Marconi e Lakatos (2003) trata-se de um método que considera as proposições estabelecidas nem de todo verdadeiras ou falsas a fim de responder as perguntas que movem este trabalho, considerando que a ciência começa com problemas e termina com hipóteses de forma a abrir espaço para novas pesquisas (POPPER 1959,1968,1972).

3 VIOLÊNCIA: CONCEITOS E DADOS NO BRASIL E NO ESTADO DO CEARÁ

A violência é tema corriqueiro na vida da população brasileira e se dá de diferentes formas e em diversos contextos históricos. Por se tratar de um fator social ela é um fenômeno multifacetado (PEQUENO, 2018, p. 75). São muitas as definições para violência, para Faleiros (2007, p. 27) pode ser entendida como um processo complexo de relações em que há a conflitualidade, assim como o autor diz:

[..] é um processo social relacional complexo e diverso. É um processo relacional, pois deve ser entendido na estruturação da própria sociedade e das relações interpessoais, institucionais e familiares. A sociedade se estrutura nas relações de acumulação econômica e de poder, nas contradições entre grupos e de classes dominantes e dominados bem como por poderes de sexo, gênero, etnias, simbólicos, culturais, institucionais, profissionais e afetivos. A relação de poder, assim, é complexa, por envolver tanto o contexto social mais geral como as relações particulares que devem ser tecidas junto, numa perspectiva histórica e dinâmica. É um processo diversificado em suas manifestações: familiares, individuais, coletivas, no campo e na cidade, entre os diferentes grupos e segmentos, e atinge tanto o corpo como a psique das pessoas. (...) A conflitualidade é fundante da existência social, na esfera da dinâmica social e familiar, e mesmo a existência do sujeito dividido entre o desejo e as normas sociais de proibição da realização do desejo (FALEIROS, 2007, p. 27).

Zaluar (2004) traz outra definição sobre violência e que está relacionada ao uso da força física para ultrapassar regras:

Violência vem do latim *violentia*, que remete a *vis* (força, vigor, emprego de força física, ou recursos do corpo para exercer a sua força vital). Essa força torna-se violência quando ultrapassa um limite ou perturba acordos tácitos e regras que ordenam relações, adquirindo assim carga negativa ou maléfica. Portanto, é a percepção do limite e da perturbação (e do sofrimento causado) que vai caracterizar um ato como violento, percepção que varia cultural e historicamente (ZALUAR, 2004, p. 228-229).

Assim, ao unir os conceitos de Faleiros (2007) e Zaluar (2004) podemos conceituar violência como um processo de relações em que há o conflito. Acontece quando os limites de acordos ou regras de ordem de dada sociedade são ultrapassados, causando desconforto e ou sofrimento, que podem ser físicos, morais ou psicológicos. Segundo a Cartilha da Regional III¹⁴

¹⁴ Uma publicação do Laboratório de Direitos Humanos, Cidadania e Ética da Universidade Estadual do Ceará-Lab Vida-UECE, Laboratório de Estudos da Conflitualidade da Universidade Estadual do Ceará-COVIO-UECE, Laboratório de Estudos da Violência da Universidade Federal do Ceará-LEV-UFC. Disponível em: < <https://bit.ly/2wboblA> >. Acesso em 17 de maio de 2019.

- “Mapa da Criminalidade e da Violência em Fortaleza” é possível especificar dois tipos de violência: a “coação física”, relacionada à eliminação física (homicídio) e a “violência simbólica” referente aos casos de preconceito de etnia, orientação sexual, religião, gênero, dentre outros, e que podem vir a ser um caso de violência física”. Conceitua-se ainda o crime, que segundo o art. 1º da Lei de Introdução do Código Penal¹⁵ não há crime sem uma lei que o diga:

Considera-se crime a infração penal a que a lei comina pena de reclusão ou de detenção, quer isoladamente, quer alternativamente ou cumulativamente com a pena de multa; contravenção, a infração penal a que a lei comina, isoladamente, pena de prisão simples ou de multa, ou ambas, alternativa ou cumulativamente (DECRETO LEI Nº 2.848, de 7 de dez. de 1940).

Enquanto o crime está ligado às leis, o conceito de violência exposto está relacionado às ações humanas que causam danos físicos, morais ou psicológicos a si ou outras pessoas, puníveis ou não. A partir destes conceitos podemos entender que de acordo com o contexto histórico, alguns atos podem deixar ou vir a ser considerados crimes ou não (PAIVA 2007, p. 30). Com a criminalidade, torna-se maior a percepção de violência e esta, por sua vez, está ligada à sensação de insegurança. Frases como “aquele lugar é perigoso”, muitas vezes estão relacionadas ao índice de criminalidade daquele local.

A violência vivida nos dias atuais é diferente daquela vivida em épocas passadas. Atualmente a violência é classificada por psicológica, física, sexual, discriminação, negligência, tráfico dentre outras. No Brasil, cento e setenta e cinco pessoas foram assassinadas por dia no ano de 2017, um crescimento de 2,9% entre 2016 e 2017. Em contrapartida ao crescimento nos últimos anos de roubo seguido de morte, o índice de latrocínio teve uma redução de 8,2% com um total de dois mil quatro centos e sessenta (2.460) mortes em 2017. A capital do Ceará, Fortaleza, ocupa o segundo lugar no Brasil em número de mortes violentas intencionais.

Em janeiro de 2018 o Ceará registrou o maior número de assassinatos em cinco anos, foram quinze mortes por dia no estado¹⁶. A violência no Ceará tornou-se mais evidente com as duas chacinas que ocorreram no final de janeiro de 2018 e que de acordo com o secretário de Segurança neste período, André Costa, este aumento está relacionado a regiões

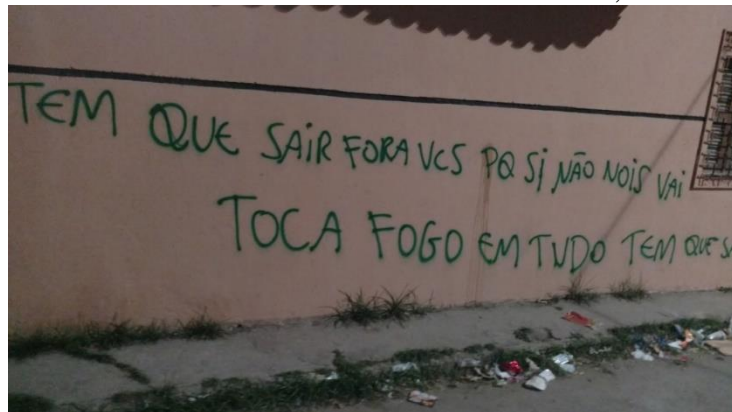
¹⁵ Disponível em: < <https://bit.ly/2W3CSCH> >. Acesso em: 17 de maio de 2019.

¹⁶ Dados publicados pela Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social (SSPDS). Disponível em: <<http://www.sspds.ce.gov.br/estatisticas-2/>>. Acesso em: 8 de maio de 2018.

com interferência de grupos criminosos e que a maioria dos homicídios tem relação com integrantes destes grupos. Um outra sequência de mortes aconteceu no início de março do mesmo ano, no bairro Benfica, em Fortaleza, em que catorze (14) pessoas, entre mortas e feridas, foram atingidas por tiros no local, local este muito frequentado por estudantes universitários (TRIBUNA DO CEARÁ, 2018¹⁷).

No início de 2019 ocorreu uma série de ataques ligados às facções em represália ao Secretário da Administração Penitenciária do Ceará, Mauro Albuquerque afirmar que iria adotar maior rigor contra a entrada de celulares nos presídios e acabar com a separação de detentos em presídios diferentes a partir das facções às quais pertencem¹⁸. Para o combate à violência 500 agentes da Força Nacional estavam presentes no Ceará que contou ainda com a ajuda de outros estados. Houveram ataques a prédios públicos, ônibus, viadutos e carros estacionados nas ruas.

Figura 1 - Pichação de facção ameaçando os moradores a saírem de suas casas em bairro de Fortaleza, Ceará.



Fonte: <<https://bit.ly/2VIIdscK>>. Acesso em mai. 2019.

A população amedrontada evita sair de casa, em momentos mais tensos o comércio fecha e as ruas das cidades ficam desertas. As pichações nos muros lembram aos moradores quem comanda o bairro que muda sua rotina pelo medo da violência.

3.1 Violência contra a mulher no Brasil

Além de conviver com o medo da violência em decorrência de ações de facções, as mulheres convivem com outros tipos de violência em decorrência do gênero. Segundo dados

¹⁷ Disponível em: <<https://bit.ly/2oWaaVS>>. Acesso em 14 de abril de 2019.

¹⁸ BBC NEWS BRASIL. Disponível em: <<https://bbc.in/2LZtBqP>>. Acesso em 18 de maio de 2019.

do Anuário Brasileiro de Segurança pública publicado em 2018¹⁹, quatro mil quinhentos e trinta e nove (4.539) mulheres foram vítimas de homicídio no Brasil, um crescimento de 6,1% em relação à 2016 e mil cento e trinta e três (1.133) casos de feminicídio também foram registrados e os casos de violência doméstica chegou a 606 registros nesses mesmo período. Também houve um crescimento de 10,1% no número de ocorrência de estupro em relação à 2016. Todos esses dados mostram que os casos de violência têm aumentado em todo o território Brasileiro.

De acordo com o relatório dos Crimes Violentos Letais Intencionais (CVLIs) da Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social, no Ceará no ano de 2018 entre os meses de janeiro a abril, a taxa de homicídios de mulheres aumentou²⁰ quase 250% em comparação com o mesmo período de 2017. Mais da metade dessas mortes aconteceram em Fortaleza decorrentes tanto por crimes de ódio baseado no gênero quanto à crimes cometidos por facções criminosas. Com o aumento desses índices, o medo de sofrer violência é constante.

Para tentarmos entender o porquê da violência contra a mulher justamente pelo fato de ser mulher é preciso entender o nosso contexto histórico cultural. No Brasil Colônia o código legal era regido pelas Ordenações Filipinas²¹ com algumas alterações. Nele dava o direito do marido matar a esposa por adultério ou pelo simples boato²². Tal medida não era a mesma para os homens. O Código Penal de 1840²³ dava uma abertura a interpretação para os crimes cometidos em estado emocional alterado e que alguns juristas se utilizavam dessa brecha na lei para isentar da culpa crimes em que ocorria assassinato do parceiro que cometesse traição alegando a legítima defesa da honra.

No código penal atual, de 1940²⁴, o texto foi melhorado, mas ainda vemos o reflexo dessa antiga prática em nossa sociedade em casos de assassinato após traição e término de relacionamentos. O Código Civil de 1916 tornava a mulher casada incapaz²⁵ em certos atos,

¹⁹ Disponível em: <<https://bit.ly/2IjwW4n>>. Acesso em 18 de maio de 2019.

²⁰ Análise da autora.

²¹ Foi adotada por D. João VI em Portugal e em seus territórios ultramarinos. No Brasil perdurou como “código civil” até 1916. Foi sancionada em 1595 por Filipe I de Portugal, mas só passou a valer em 1603 no reinado de Filipe II da Espanha.

²² Livro 5. Tit. XXV. Disponível em: <www1.ci.uc.pt/ihti/proj/filipinas/15p1175.htm>. Acesso em 31 de maio de 2019.

²³ Artigo 28 da Lei N° 2.848, de 7 de dezembro 1940: Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm>. Acesso em 31 de maio de 2019.

²⁴ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm>. Acesso em 03 de junho de 2019.

²⁵ Capítulo I, Art. 5, parágrafo I do Código Civil de 1916. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1910-1919/lei-3071-1-janeiro-1916-397989-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em 31 de maio de 2019.

cabendo ao homem autorizar-lhe expressamente por exemplo, a exercer profissão²⁶. Isso pode explicar alguns comportamentos de dominação e superioridade do homem perante a mulher, principalmente dentro dos relacionamentos. Mesmo com o passar do tempo, as leis que regiam a sociedade do passado se refletem na sociedade atual através de comportamentos e pensamentos sobre a mulher.

No Brasil as primeiras leis em defesa da violência contra a mulher foram através de dois decretos internacionais que tinham como objetivo garantir os direitos humanos, e se os direitos do indivíduo são garantidos devido a sua humanidade, isto se aplica também as mulheres.

O primeiro decreto no Brasil foi o de nº 93, de 14 de novembro de 1983, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher, assinada pela República Federativa do Brasil, em Nova York, no dia 31 de março de 1981, que foi revogada e retomada pelo decreto nº 4.377, de 13 de setembro de 2002²⁷ que conceitua a discriminação contra a mulher.

[...] a expressão discriminação contra mulher significa toda a distinção, exclusão ou restrição baseada no sexo com a intenção ou resultado prejudicar ou anular o reconhecimento, gozo ou exercício pela mulher, independentemente de seu estado civil, com base na igualdade do homem e da mulher, dos direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural e civil ou em qualquer outro campo (DECRETO LEI Nº 4.3777, de 14 de nov. de 1983).

Em 1994, a OEA - Organização dos Estados Americanos ampliou a proteção aos direitos humanos das mulheres com a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher, concluída em Belém do Pará em 9 de junho de 1994. O texto de decreto de nº 1.973, de 1º de agosto de 1996, diz que a violência contra a mulher abrange a violência física, sexual e psicológica, tanto na vida pública quanto na privada.

Em 2001 o Brasil foi responsabilizado por negligência e omissão em relação à violência doméstica. A denúncia foi feita à Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos sobre o caso de Maria da Penha Maia Fernandes²⁸. O Estado brasileiro foi obrigado a pagar uma multa de 20 mil dólares à Maria da Penha e recomendado a adotar várias medidas para o cumprimento dos tratados internacionais. A partir

²⁶ Capítulo III, Art. 242, parágrafo VII do Código Civil de 1916. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1910-1919/lei-3071-1-janeiro-1916-397989-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em 31 de maio de 2019

²⁷ Disponível em: <<https://bit.ly/2sLxarP>>. Acesso em 19 de maio de 2019.

²⁸ Caso N° 12.051/OEA. Disponível em: <<https://bit.ly/2VGu98y>>. Acesso em 19 de maio de 2019.

deste caso foi sancionada em 7 de agosto de 2006 a Lei de nº 11.340 mais conhecida como Lei Maria da Penha²⁹, que cria ações para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher.

Em 2015 a chamada lei do Femicídio³⁰ foi sancionada após o alto índice de mulheres assassinadas por dia no país segundo o Mapa da Violência de 2015³¹. Segundo a lei o feminicídio é um crime hediondo contra a mulher quando envolve violência doméstica e familiar, menosprezo ou discriminação à condição de mulher.

Já em Fortaleza, Ceará, foi sancionada a Lei municipal de nº 10.670³² de 2 de janeiro 2018 que prevê multa de até dois mil reais a quem ofender a honra e a dignidade da mulher em espaços públicos da cidade com comentários abusivos, gestos obscenos, contato físico sem a permissão da mulher e insinuações de atos sexuais. Mais tarde foi aprovada a lei federal de nº 13.718 de 24³³ de setembro de 2018 conhecida como Lei da Importunação Sexual que classifica como crime o assédio sexual e torna mais duras as penas por estupro. Mesmo assim, casos de importunação sexual como cantadas e assobios na rua em que não há o contato físico ainda não são puníveis segundo a lei federal. Fortaleza é a pioneira no país contra esses tipos de comportamentos.

Apesar das leis brasileiras em combate a defesa da mulher estarem dentre as melhores do mundo a cada ano os índices de violência só aumentam. É o que nos diz os dados da pesquisa A Vitimização de Mulheres no Brasil de 2019³⁴. As mulheres jovens com idades de 16 a 24 anos correspondem a maioria dos casos de agressão física com relação aos últimos doze meses; a rua é o segundo lugar em que os casos de violência acontecem, perdendo apenas para o lar. As mulheres com ensino médio ou superior relatam os maiores índices de violência em comparação as que possuem apenas o ensino fundamental.

A figura 2³⁵ nos traz os levantamentos do número de assédio no Brasil. As mulheres de 16 a 24 anos apresentam os maiores índices, cerca de vinte e dois milhões de casos.

²⁹ Disponível em: <<https://bit.ly/11yrVDL>>. Acesso em 19 de maio de 2019.

³⁰ Lei de Nº 13.104 de 9 de março de 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/2EfrfU0>>. Acesso em 19 de maio de 2019.

³¹ Disponível em: <<https://bit.ly/2LixlmB>>. Acesso em 19 de maio de 2019.

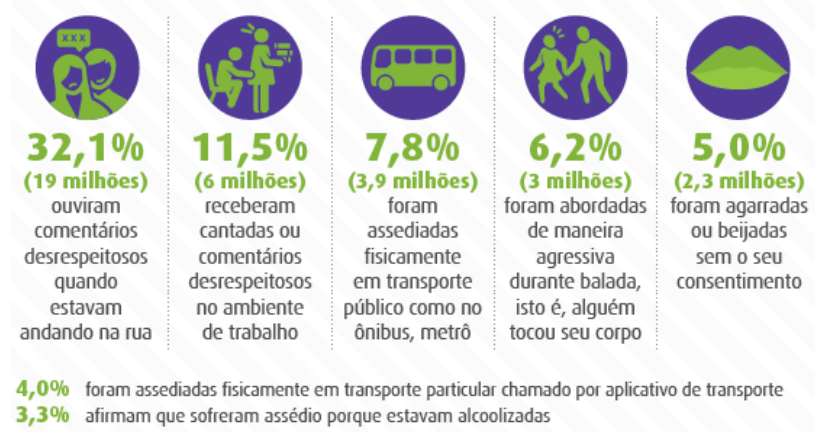
³² Disponível em: <<https://bit.ly/2JBx0hk>>. Acesso em 21 de maio de 2019.

³³ Disponível em: <<https://bit.ly/2Q8ANSF>>. Acesso em 21 de maio de 2019.

³⁴ Realizado pelo Fórum de Segurança Pública. Disponível em: <<https://bit.ly/2xaoA9A>>. Acesso em 21 de maio de 2019.

³⁵ Recorte do infográfico Visível e Invisível: A vitimização das mulheres no Brasil – 2º Edição, publicado em 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2ESwNmw>>. Acesso em 21 de maio de 2019.

Figura 2 - Assédio no Brasil entre fevereiro de 2018 a fevereiro de 2019.



Fonte: < <https://bit.ly/2ESwNmW> >. Acesso em 21 de mai. 2019.

Os dados mostram a realidade enfrentada pelo público alvo deste trabalho, jovens estudantes do nível superior e que fazem o uso do transporte público. De modo geral a violência atinge mulheres de todas as classes sociais, escolaridade, no público e no privado, mas mesmo com os avanços de leis voltadas para a defesa da mulher eles não garantem segurança. Segundo Scarance (2019, p. 26) os altos índices de violência contra a mulher revelam que “as leis, por si só, não têm o poder de transformar a realidade”, mas são ferramentas de “conscientização, prevenção e repressão”.

4 GÊNERO: A CULTURA E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO GÊNERO

A cultura, sendo a responsável por englobar todos os conhecimentos, as crenças, costumes e hábitos, a arte, a lei e a moral de um ser humano assim como da sociedade da qual faz parte, também é a responsável pela construção social do gênero.

Para Louro (2008, p. 7) tanto o gênero como a sexualidade, dando ênfase aqui ao gênero, “[...] são construídos através de inúmeras aprendizagens e práticas, empreendidas por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais, de modo explícito ou dissimulado, num processo sempre inacabado”, ou seja, o gênero é entendido como aquilo que diferencia socialmente as pessoas, levando em consideração os padrões histórico-culturais atribuídos para os homens e mulheres.

Na cultura ocidental a questão de gênero funciona como uma oposição entre masculino e feminino, homem e mulher, macho e fêmea. Assim sendo, o ser humano nasce dotado de características biológicas que os encaixam como seres do sexo masculino ou feminino e isto é determinado através da genitália, cromossomos sexuais e hormônios com os quais nasce, das quais se estabelece padrões de comportamentos pré estabelecidos pela sociedade que serão fatores de diferenciação entre ambos os sexos transmitidos de forma cultural (MEAD, 1935).

Segundo Mead (1935), cada cultura, de algum modo institucionalizou os papéis do homem e da mulher, embora não necessariamente em termos de contrastes entre personalidades entre os dois sexos ou em termos de dominação e submissão. A conformação de homens e mulheres aos papéis que lhes são atribuídos é expressa quanto às vestimentas, penteados, etc., e não necessariamente por diferenças de temperamento.

Na sociedade ocidental tradicional, vemos com muita clareza a diferenciação de personalidades ligadas ao sexo. Os homens tendem a ser mais dominantes (fortes e agressivos) e emocionalmente estáveis, enquanto as mulheres tendem a ser mais sensíveis, atenciosas (com os outros) e apreensivas. Mesmo que homens tendam a ser mais sensíveis e que mulheres tendam a ser dominantes e agressivas, a sociedade os obriga a ter personalidades ligadas ao seu sexo, ou seja, a ter personalidades que a sociedade quer que eles tenham, e isso não se mostra algo “natural”, na qual o comportamento cultural é transportado pelo plasma germinativo, o que já sabemos que não se trata de herança biológica e sim de herança cultural.

Cada sociedade tem ou teve tempo para selecionar, ajustar ou desenvolver comportamentos ou personalidades que serão “chaves de temperamentos” de determinada cultura podendo “isolar cada tipo, convertendo na base da personalidade social aprovada para

um grupo de idade, de sexo, de casta ou de ocupação”. Desta forma a sociedade pode apresentar diferentes traços de personalidade, “diferentes habilidades intelectuais, diferentes capacidades artísticas, traços emocionais diversos” (MEAD, 1935, p. 272).

Ao longo dos séculos as características e traços atribuídos as mulheres foram mudando assim como suas roupas, penteados, comportamentos. Os atributos femininos mudaram de acordo com o contexto histórico em que estão inseridas considerando também suas condições financeiras.

4.1 Visões sobre a mulher na História

Para a mulher da Idade Média foram atribuídos significados de “uma moral que ao mesmo tempo a fazia temida e desejada” (SANTOS, 2006, p. 59). Nessa época a Igreja Católica era muito poderosa e é ela que impõe os ideais a serem seguidos por homens e mulheres. Quanto à mulher, esta foi associada à “Eva”, a mulher era a pecadora, sedutora e temida, em um período em que dependiam totalmente do pai e do marido. “A ideologia cristã de repúdio ao universo feminino contribuiu muito para o quadro de opressão da mulher na Idade Média” (SANTOS, 2006, p. 59). Fatores impostos às mulheres nesse período como a inferiorização e subordinação ao marido ainda se refletem nas sociedades atuais.

A salvação para as mulheres do “pecado da luxúria” era pelo casamento, lugar de subordinação ao esposo e a serem condicionadas a serem esposas, mães e dependendo de sua condição social, a cuidarem dos trabalhos domésticos. Aos esposos eram dispostas as propriedades das esposas, joias, roupas de cama e de baterem nelas se assim eles acharem necessário.

No período feudal não cabia à mulher um domínio feudal, só quando os feudos se tornaram “hereditários e patrimoniais”. A partir daí a mulher herdeira torna-se ferramenta para o aumento das riquezas por meio dos casamentos arranjados em que os maridos maltratavam suas esposas, “esbofeteava-a, arrastava-a pelos cabelos, batia-lhe, o marido ‘castigava razoavelmente’ a esposa” (SANTOS, 2006, p. 65).

Diante da “Eva pecadora”, a igreja difundiu então um novo modelo feminino: o de Maria Madalena, “a prostituta arrependida”, o que permitiu a algumas mulheres nobres o “luxo da conversação da cortesia, da poesia e os lazeres da vida castelã” (SANTOS, 2006, p. 68). No jogo do amor cortês do século XII, fez-se transparecer uma nova forma de ver e de tratar as mulheres. A elas foi dado o controle e o poder de decisão sobre as ações de conquista e os

homens deveriam ser recompensados. Apesar das mulheres terem ganhado um pouco de espaço, o processo de emancipação durará muito tempo ainda (SANTOS, 2006).

4.2 O papel das roupas para as mulheres

No período Medieval, comportamentos das mulheres que até então eram ditados pela Igreja Católica refletiam também nas suas roupas, penteados e maneiras de comportamento. A mulher quando associada a Eva, “a culpada pela queda dos homens do paraíso”, características como a “luxúria, a gula, a sensualidade e a sexualidade”, eram tidos como traços femininos. A bruxaria estava ligada aos desejos da carne insaciável do sexo feminino. “Com seu útero devorador, a mulher era, para o homem uma armadilha fatal que podia leva-lo à destruição” (SANTOS, 2006, p. 87). A natureza feminina era temida pelos clérigos que deveriam manter-se longe das mulheres, dos seus corpos e pecados afim de manter seu celibato. Para os homens as mulheres eram temidas por acreditar que elas tinham o poder de lhes tirar a “masculinidade”, ou de se deixar subjugar-se através de seus encantos.

Partindo da ideia de que o vestuário se iniciou com a “tentação e a queda”, para as mulheres, o vestuário deveria caracterizar muito bem quem eram as “filhas de Eva”. Desta forma, a morte e o perecível foram associados às mulheres, contribuindo para a erotização do macabro. Suas roupas eram justas e acompanhavam as linhas do corpo, valorizando a cintura, o ventre e o quadril; a cauda longa de seus vestidos era associada à de um animal. Seus trajes eram chamados de “esconderijo do diabo”³⁷ (Figura 3). “O caráter perecível da moda e da vestimenta fortaleceu igualmente essa relação entre as mulheres e a corruptibilidade da carne” acentuando o contraste entre o “espírito moral e o da carne” (SANTOS, 2006).

Figura 3: Vestido de cauda – “Esconderijo do diabo”.



Fonte: < <https://bit.ly/2WYS1Wn>>. Acesso em 21 de mai. 2019.

³⁷ DUBY, Geroges;PERROT, Michelle,op.cit,p.198.

A partir do século XIII houve uma valorização do trabalho dos homens, da vida terrena a se aproximar de Deus. Para as mulheres a associação à Virgem Maria as atribuiu um ar maternal e mais “feminino” (Figura 4). “A moda, com efeito, representa a face frívola deste novo investimento mundano, deste novo amor das aparências e do espetáculo do homem que toma corpo no Ocidente” (SANTOS, 2006, p.89).

Figura 4: A Virgem com a Criança, de Jean Fouquet (1450).



Fonte: < <https://bit.ly/2QIDnGc>>. Acesso em 21 de mai. 2019.

As roupas ganharam notoriedade, assim, fazia-se necessário que as cores do corpo perdessem seus atrativos, nada disso importava quando a moda se tornou um meio de definição social das mulheres. Reprendidas por serem mulheres, condicionadas a um padrão ditado por homens, foram nas roupas que elas encontraram formas de expressão, atribuindo signos aos detalhes e a seus comportamentos.

A partir do século XIV houve uma divisão dos trajes masculinos e femininos que até então caminhavam juntos. O jogo da moda, começou de fato por volta do século XV, momento em que o capitalismo impulsiona o surgimento de uma nova classe social – a burguesia -, momento também de grandes transformações para a indumentária feminina (LIPOVETSKY, 2009).

Os adornos de cabeças eram bastante populares entre as mulheres dessa época revalorizando os cabelos e atribuindo significados quanto ao tipo de adorno e quanto ao penteado, podendo revelar por exemplo se a mulher era solteira ou casada (figura 5). Na metade

do século os vestidos tornaram-se mais ajustados, os decotes cada vez mais profundos e as caudas cada vez maiores. O maior avanço deste século foi quando as peças femininas foram divididas em peças independentes: corpete muito justo, saia e mangas destacáveis, propondo assim novas modelagens e comprimentos diferenciados.

Figura 5: Penteados e adornos de cabeça das mulheres do Séc. XV.



Fonte: <<https://bit.ly/2JUMjRz>>. Acesso em 22 de mai. 2019.

Na moda feminina enquanto o decote descia, o volume das saias era aumentado e outrora o decote subia as saias volumosas davam lugar novamente. Atribuindo atrativos ao corpo, a roupa feminina outrora escondia ou revelava os atributos do sexo, despertando as fantasias eróticas, tornando-se símbolo de sedução e mistério, passando a se tornar um símbolo do poder hierárquico e tornando-se um meio de ser notado (SANTOS, 2006).

Até então as mulheres eram seres do lar, destinadas a família e que encontravam formas de se expressar através daquilo que possuíam: suas roupas. Tais roupas desde então tornaram-se símbolo de resistência aos ditames e costumes impostos a elas. Inicialmente as roupas distinguiram os gêneros e posteriormente as classes sociais como entre a burguesia e a nobreza.

O surgimento da burguesia propiciou o surgimento da moda como a conhecemos a partir da busca por um reconhecimento social que se deu a partir da indumentária. A busca de

diferenciação social se dá com os símbolos de distinção, os signos, os códigos, a ornamentação, o parecer para aparecer. É dessa busca de imitação da nobreza por parte da burguesia e da distinção entre elas que nasce as flutuações da moda (LIPOVETSKY, 2009). Até então as grandes mudanças aconteceram apenas no vestuário masculino.

A renúncia dos homens aos exageros do Barroco e a busca por uma aparência mais sóbria e séria fez com que a roupa masculina se obscurecesse diante da feminina, estilo conhecido como *dândi*, com características de praticidade e funcionalidade se tornou uma referência para a moda masculina do século XIX. Já que os homens não mais ostentavam o seu poder financeiro, coube as mulheres o papel de exibir o poder econômico do marido, pai, ou parentes do sexo masculino. A indumentária teve papel importante nesse exibicionismo (BRAGA, 2007).

Com a industrialização o ócio para mulheres de classe média e média alta era tido como “apropriado” para as mulheres. O uso de muitos tecidos em seus trajes impedia o movimento e acentuavam a sua não participação em ocupações masculinas. Crane (2006) chama de “alternativo” ao estilo adotado na segunda metade do século XIX que coexistia com a moda dominante. Com influência inglesa do dandismo, caracterizava-se pelo uso de algumas peças do vestuário masculino, exceto a calça, juntamente com peças femininas, uma forma sutil de afirmação das mulheres.

Movimentos feministas do período já propunham reformas no vestuário feminino como o uso de calças, que foi negado, pois “subvertia a diferença de gênero” e as tirava de seus papéis de subserviência e dependência. Aos poucos elas foram incorporando aos seus trajes, peças do guarda-roupa masculino como a gravata que simbolizava independência, chapéus como a cartola e o paletó, que usado com a saia era tido como “símbolo da mulher emancipada no século XIX”. A moda para as mulheres sempre esteve ditada pelo que se acreditava ser ou não apropriado. Quando não acatavam as regras eram xingadas e desprezadas. O uso da calça no esporte foi um desses momentos de desprezo da sociedade perante as mulheres. Posteriormente, a lei que as impedia de usar calça foi suspensa apenas para a prática de ciclismo. (CRANE, 2006, p. 230, 209).

Com a crescente aceitação do uso da calça por mulheres como um enfrentamento à autoridade masculina, no século XX esse tabu foi superado. O fim da Primeira Guerra Mundial e a inserção das mulheres no trabalho, ainda que sob forte vigilância dos homens as configurou os direitos civis, contribuindo para a reformulação do guarda-roupa feminino uma vez que necessitaram se adaptar ao novo estilo de vida (LOURO, 1997). Adeptas do trabalho, do esporte

e da dança, as mulheres aboliram o uso do espartilho pois, restringia os movimentos. As saias e vestidos se encurtaram até as canelas. Ao contrário de continuarem adaptando peças do vestuário masculino, as mulheres preferiram em 1920 a masculinização do corpo. Busto e cintura não mais se evidenciam e os cabelos são cortados cada vez mais curtos e masculinos, a moda era ser independente (CRANE, 2006).

Figura 6 - Vestimenta de 1920



Fonte: < <https://bit.ly/2WBRrAT>>. Acesso em 31 de maio de 2019.

As lutas femininas por direitos como o direito ao voto – sufrágio, e protestos contra os padrões de beleza - queima de sutiãs, marcaram o início do século XX.

As décadas após a Segunda Guerra Mundial deram à mulher uma silhueta militarizada, fazendo com que resgatassem em 1950 a feminilidade através da cintura marcada. O pós segunda guerra mundial também foi marcado pelo alto crescimento da taxa de natalidade que culminou na necessidade de se criar novas modas aos jovens de 1960. Inconformados com a sociedade de consumo da época expressavam o desconforto adotando o traje da classe mais pobre. Isto serviu para popularizar o jeans e a camiseta (BOUCHER, 2010).

Com a ida do homem à lua as mulheres adotaram um estilo que podia ser interpretado como uma aproximação das características do homem, fisicamente e intelectualmente. Se popularizou nesse período o uso da minissaia e da calça comprida com um número crescente de adeptas como visto na figura 7.

Figura 7 - Exemplo de vestimenta de 1960.



Fonte: <<https://bit.ly/2kHY2rO>>. Acesso em 25 de maio de 2019.

A década de 1960 também foi marcada pela busca de liberdade e independência das mulheres (ARAÚJO e LEORATTO, 2013). A pílula anticoncepcional virou sinônimo de liberdade sexual. O uso de roupas transparentes, o abandono do sutiã e a popularização do biquíni³⁸ evidenciavam essa “rejeição aos tabus sexuais” (BOUCHER, 2010). Segundo Araujo e Leoratto (2013, p. 722) a partir do momento que a mulher assumiu seu espaço, tomando decisões e não sendo mais subordinada do homem, se afirmou como sujeito e seu corpo acompanhou essa mudança.

Vimos até aqui um controle do corpo feminino que ora escondia e outrora revelava os atributos de “desejo” e fertilidade, modelado pelo ideal de mulher que os homens acreditavam ser o melhor. Com o tempo as mulheres conquistaram os direitos sobre o seu corpo, mas a subordinação das mesmas apenas mudou dos homens para a sociedade com suas exigências de beleza e corpo perfeito. Na década de 1980 a obsessão pelo corpo o torna “símbolo de status”, “[...] é o principal meio de representação do indivíduo, mas, também, passa a ser um diferenciador social, ele é analisado, rotulado e fortemente apreciado” (ARAÚJO, LEORATTO, p. 722). Segundo Tavares (2017) a busca pela perfeição do corpo se refletiu na

³⁸ Referente ao maiô de banho duas-peças da marca Réard (BOUCHER, 2010, p. 414).

moda com roupas que evidenciassem esse corpo (figura 8) e que acompanhasse as curvas “dando um ar sensual”. Na contramão da década de 1980, os anos de 1990 foram marcados pelo ideal de beleza magra e anoréxica, andrógino e exótico e que muda novamente na virada do milênio em que o corpo deve ser forte, belo e juvenil (ARAUJO, LEORATTO, 2013).

Figura 8 - Vestimenta e estilo saudável de 1980.



Fonte: <<https://bit.ly/2wGgkgl>>. Acesso em 1 de junho de 2019.

Ainda segundo Araujo e Leoratto (2013) a idealização do corpo perfeito através das intervenções, acaba transformando sua identidade e tais transformações são corriqueiras, pois permite adotar múltiplas identidades.

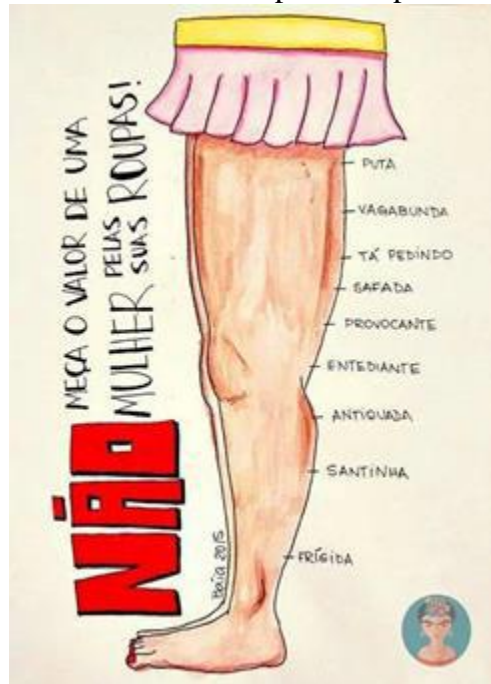
O corpo é, também por isso, um objeto de pertença, já que é coisificado por uma subjetividade dominadora”. É essa dominância do exterior sobre o interior que nos leva a compreender o poder que a glorificação e exibição do corpo humano passaram a assumir no mundo contemporâneo (ARAUJO, LORATTO, 2013).

O corpo por si só é destituído de significância. Apenas quando adotamos um corpo nu, ou seja, destituído de roupa, é que o percebemos como um meio de expressão. O corpo descoberto se recobre de novos significados e a roupa se torna instrumento de exibição dos signos. A exaltação e exibição do corpo revelou comportamentos de uma sociedade que mede o caráter da mulher pelo tamanho da sua roupa, conforme a figura 9, retirada do trabalho de Tavares (2017) sobre a Marcha das Vadias³⁹. O evento segundo a autora, traz a roupa como

³⁹ “A Marcha das Vadias surgiu como forma de protestar contra esse pensamento, impulsionado pela fala de um policial ao afirmar que as mulheres poderiam evitar ser estupradas, caso não se vestissem como “vadias”. Essa afirmação se tornou grande exemplo de como a violência sexual é justificada pelo comportamento da vítima, e não do agressor, se tornando uma das principais bandeiras da manifestação. O movimento se disseminou rapidamente pela internet, ganhando cada vez mais força através das mídias e redes sociais. A Marcha acontece em várias

papel de protagonista, repudiando o “senso comum que culpabiliza a mulher pela violência que sofre” em decorrência da roupa ou de sua ausência.

Figura 9 - Medida de caráter da mulher pelo comprimento da sua roupa.



Fonte: Tavares, 2017, p.39.

A culpabilização da vítima que sofre violência pela roupa, expressa a continuidade de uma sociedade que oprime a mulher, seja pelo comportamento ou pela roupa.

idades do mundo e tem como objetivos o fim do machismo, da violência sexual, culpabilização da vítima, bem como a autonomia das mulheres sobre seus corpos” (TAVARES, 2017. p. 36, 37).

5 GOSTO E ESTILO DE VIDA DAS CLASSES SOCIAIS

Com a industrialização e a massificação de produtos a moda se tornou mais acessível e criou-se diferentes estilos de classes. As classes sociais que classificam as pessoas de forma a encaixá-las e diferenciá-las umas das outras não mudou muito da ideia de nobreza e burguesia estudada por Lipovetsky (2009). O “estilo de vida”, no qual se inserem gostos e preferências, exprime a diferença entre os indivíduos. Enquanto que as classes mais altas aspiram pelo bem-estar e conforto, as classes mais baixas desejam suprimir apenas as necessidades mais básicas. “Por serem já muito arraigados, esses valores lhes parecem como que naturais, evidentes e são relegados ao segundo plano pelas classes privilegiadas” (BOURDIEU, 1983 p. 85).

O “estilo de vida”, como afirma Bourdieu (1983), se torna uma espécie de guia que orienta subjetivamente as escolhas dos indivíduos, como a preferência por certos tipos de esporte, comida, bebidas, restaurantes, passeios e etc., mas que são escolhas determinadas pelo gosto. Os gostos ou preferências por algo ou por um determinado objeto como uma obra de arte por exemplo, tem uma forte relação com o “capital cultural herdado ou adquirido escolarmente”, gostar ou não de uma determinada obra de arte depende muito do que foi ensinado sobre o que gostar. O gosto é construído culturalmente e socialmente.

O “estilo de vida” das classes populares é uma forma de adaptação da situação em que se encontram, de forma que essa situação, econômica e cultural, é o que os diferencia das classes dominantes. Dessa forma os estilos de vida se caracterizam, tanto pelo consumo de artigos de luxo quanto pelas versões “populares” desses artigos que de certa forma suprem os desejos de possuir o que é “digno”.

Dizer que alguém é despossuído de cultura é afirmar que há uma “autêntica” cultura a ser seguida, uma cultura dominante, criando um preconceito com esses “desapossados” culturalmente. “Se não existe arte popular no sentido de arte da classe trabalhadora urbana, é talvez porque esta classe [...] permanece definida fundamentalmente pela relação de despossuído a possuidor que o une a burguesia, em matéria de cultura, bem como no resto (BOURDIEU, 1983, p. 106).

Esse estilo de vida popular, por assim dizer, se caracteriza em tudo que os toca e isso vai desde o que fazem com o seu tempo livre. Dentro desse estilo de vida, encontramos outros estilos ou “fronteiras” marcados por gostos como decorrendo da profissão e do grau de instrução. “[...] a fração de classe mais consciente da classe operária permanece muito

profundamente submissa, em matéria de cultura e de língua, às normas e aos valores dominantes” (BORDIEU, 1983, p. 28).

A “pretensão cultural” da pequena burguesia ascendente se difere de acordo com o “grau de familiaridade com a cultura legítima”. Eles procuram aprender sobre, e praticam esse estilo nas menores formas como visita a museus, teatros, gosto pela fotografia e etc. A boa vontade cultural se exprime através do querer gostar de algo sem mesmo gostar para se auto afirmar como verdadeiro herdeiro cultural, mesmo sem ser. Ficam divididos entre o “gosto de inclinação e seus gostos de vontade”. Mas nessa pretensão de gostos é preciso conhecer os códigos:

[...] dos símbolos de distinção, o domínio prático dos índices da classe, da hierarquia social das pessoas e dos objetos, que define o que se chama bom gosto, o conhecimento das pessoas, autores, diretores, compositores, ou lugares, teatros, salas de concerto, editoras, revistas, galerias, estações de rádio, ou títulos institucionais, universitários, acadêmicos, que são [...] garantias de qualidade (BOURDIEU, 1983, p. 31).

Toda essa pretensão de ser “herdeiro legítimo” da cultura legítima é uma forma de recusa dos outros estilos de vida considerados “inferiores”. Essa pretensão estética, o querer ser ou pelo menos parecer, nega as formas que definem as diferentes classes sociais, os “objetos e os modos de representação legítimos. O consumo de versões “populares” de artigos de luxo é uma maneira que o indivíduo encontrou para “pertencer” a uma classe social ou a um determinado grupo na sociedade.

Simmel (2005, p. 5) chama de imitação, a busca em pertencer a um determinado grupo. A mesmo tempo que o indivíduo se aproxima de um grupo com o intuito de pertencer, ele se afasta de outros como uma forma de diferenciação. Esse afastamento podemos classificá-lo como uma forma de negação. A negação de estigmas⁴⁰ criados a partir de uma composição da roupa como forma de se evitar a violência pode-se entender como uma forma de diferenciação de um determinado estilo de vida.

Para Crane (2006, p.36), o vestuário tem a característica de ser indicador desses diferentes “estilos de vida” dentro de uma sociedade, e os indivíduos podem mudar de um estilo para o outro dependendo de suas necessidades e/ou vontades podendo ser ou parecer ser o que

⁴⁰ O estigma, segundo Goffman (2004, p. 6) é um termo usado em referência a um “atributo profundamente depreciativo”, mas que é através da nossa visão que o estigma dos outros se torna evidente assim como o “exibicionismo” nas vias públicas. GOFFMAN, Erving. **Estigma**: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro, 1963. Tradução: Mathias Lambert.

quiser. Brandini (2008) diz que as pessoas usam “máscaras sociais” para se representarem na rua e a indumentária constitui a maioria dessas máscaras de forma que o verdadeiro “eu” permaneça escondido.

A roupa se apropria de quem a veste assim como incorpora gostos e estilos ao corpo. Portanto, o indivíduo influencia e é influenciado em relação ao meio no qual está inserido. “[...] a escolha do vestuário propicia um excelente campo para estudar como as pessoas interpretam determinada forma de cultura para seu próprio uso [...]”. Isso inclui “normas” vigentes “ditadas” pela moda e exprime como as pessoas se veem socialmente. A roupa tem o papel de maior importância na distinção social dos indivíduos “sendo uma das mais evidentes marcas de status e de gênero” (CRANE, 2006, p. 21).

5.1 Vida Pública e Máscaras Sociais

Segundo Brandini (2008) até o século XVII na Europa, os homens ostentavam com seus trajes em busca de promoção social as vezes até infringindo leis suntuárias e adotando costumes e preferências sexuais dos aristocratas. No final do século XVIII, a aristocracia, para se diferenciar daqueles que os imitava, passou a adotar vestimentas mais simples “renunciando a exuberância da moda” e coube as mulheres serem as portadoras dessa distinção de classe. Essa mudança da imagem pública significa que os símbolos de poder social também mudaram.

A partir da segunda metade do século XVIII, a vida urbana infligia ao indivíduo diversas condenações visuais e comportamentais. Entre o proletariado, o capitalismo industrial passou a ditar a vida material do domínio público. A produção em massa de roupas e uso delas significava que a vida urbana tinha uma aparência igual e as diferenças sociais que se expressavam pela roupa tornavam-se “ocultas”.

O ‘isolamento’ e a ‘impessoalidade’ no espaço público é “compensada com a exposição supervalorizada para aqueles com quem se deseja fazer contato em eventos sociais variados”. Para isso as pessoas usam “máscaras sociais” para se representarem na rua e a maioria dessas máscaras são formadas pela indumentária de forma que o “eu” escondido por baixo não apareça e apareça somente aquilo que se deseja mostrar, ou seja, o indivíduo pode ser quem ou o que ele quiser (BRANDINI, 2008. p. 6).

Quando isso acontece, o espaço público torna-se um lugar onde tenta-se desvendar os verdadeiros “eus” através de “pistas, traços, ou até pequenos deslizos que possam revelar a personalidade dos indivíduos. Como pequenos detalhes de suas roupas, ou a utilização destes ou daqueles signos de moda”. Antes da era industrial as roupas significavam status social, a

partir do século XIX, elas revelam a personalidade das pessoas, como afirma Brandini (2008, p. 7):

A secularização atribuiu todo um novo estatuto ao indivíduo [...]. Ela fez com que a imagem, a composição indumentária e os pequenos detalhes da roupa ou dos produtos consumidos, caracterizassem uma exposição involuntária das emoções, revelando o 'eu' que não se expõe abertamente na vida pública.

O “público” e o “privado” são denominações que passaram a ser usadas como entendemos hoje por volta do século XVIII, em que “público era “a vida que se passa fora da família e dos amigos íntimos”, que estava aberto à observação. Para as mulheres também era um lugar em que se poderia perder as virtudes. Em contraponto a isso temos o “privado” referente ao lar, à não exposição, ao não contato com os grupos sociais que aconteciam na rua (SENNET, 1976,). Inicialmente a vida pública era destinada aos homens, quanto cabiam às mulheres a vida do lar, dos afazeres doméstico ou do ócio. Com a divisão da vida pública e vida privada, a moda torna-se instrumento de diferenciação e posteriormente por autossatisfação, personalização e individualização.

A vida pública também permite a visualização do afastamento e do distanciamento criado entre as tribos urbanas, como já citado anteriormente. O espaço público torna-se palco de demonstrações dos “eus” escondidos ou não por máscaras caracterizadas pelas roupas e gestos. Essa exposição relacionamos com a violência urbana que também acontece no espaço público e que está sujeita aos olhares de observadores com boas ou más intenções.

6 MODA, VIOLÊNCIA E A RELAÇÃO COM A VESTIMENTA PARA ESTUDANTES DO CURSO DE DESIGN-MODA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

Este estudo teve como objetivo geral investigar se houve mudanças nos modos de se vestir por medo de sofrer violência nas vias públicas e como se dá essa relação. O grupo estudado foram as estudantes de bacharelado do curso de Design-Moda no Instituto de Cultura e Arte (ICA) da Universidade Federal do Ceará, (UFC), visto que, durante conversas anteriores à pesquisa, revelaram terem pensado bem mais sobre o que vestir por medo de sofrerem algum tipo de violência ou por já terem passado por um ato violento.

Paiva (2007) em seu trabalho intitulado *Contingência da Violência em um Território Estigmatizado* destaca três fatores importantes para o medo. O primeiro é que nem sempre o medo surge da experiência, mas também da sensação de que algo ruim aconteça consigo e que se torna acumulativo. Basta um comentário de um amigo ou de reportagens de casos de violência em um determinado lugar para que o medo aflore. A segunda está relacionada com mecanismos individuais para se sentir mais seguro como o uso de grades em portas e janelas, cercas elétricas nos muros, mudança de hábitos como não trafegar em determinadas ruas ou bairros e até mesmo o uso de determinadas peças do vestuário como mecanismos de proteção. A roupa por sua vez se utiliza apenas da subjetividade, do que se deve ou não ser usado para se sentir mais seguro, cabendo ao usuário estabelecer os critérios da escolha. Por último, a terceira questão está relacionada com o que se acredita sobre bairros pobres serem “lugares violentos e perigosos”, ou seja, as pessoas também temem os autores e os potenciais autores de ações violentas e criminosas.

Portanto o medo pode surgir a partir de diversos fatores. Para este trabalho pode-se pensar que apenas o segundo fator, aquele em que se cria mecanismos de proteção individual seja o que mais se enquadre, mas como veremos a seguir a busca de sentir mais seguro é influenciado pelos outros dois fatores.

A pesquisa se deu em duas etapas, sendo a primeira de caráter quantitativo, realizado via web de 11 a 27 de novembro de 2018 com as estudantes do curso sem necessariamente terem sofrido algum tipo de violência e a segunda de caráter qualitativo, realizado com quatro estudantes do curso de Design-Moda da UFC que sofreram algum tipo de violência e que a roupa tenha sido, na visão delas, um fator determinante para tal ato e/ou que mudaram seu estilo de roupa por medo de sofrerem outros atos de violência.

O questionário (apêndice A) foi composto por dezenove questões que, após a identificação do perfil da entrevistada, buscou investigar as seguintes questões: saber se sofreu algum tipo de violência e se a roupa tenha sido fator determinante para sofrer tal ato; saber se ela deixou de vestir alguma peça de roupa na tentativa de evitar sofrer violência e em que grau a violência é relevante na hora de escolher o que vestir; identificar quais peças de roupa passam uma maior sensação de segurança para trafegar nas vias públicas e quais não passam essa sensação.

Foram obtidas no total de cinquenta respostas em 17 dias de aplicação do questionário. As questões de um a seis buscavam identificar o perfil da informante, abrangendo nome, e-mail, telefone, idade, semestre e a renda familiar mensal. Dentre as entrevistadas, trinte e duas eram jovens com idades entre 17 a 22 anos, onze com idades de 23 a 26 anos e sete das entrevistadas tinham de 26 anos acima.

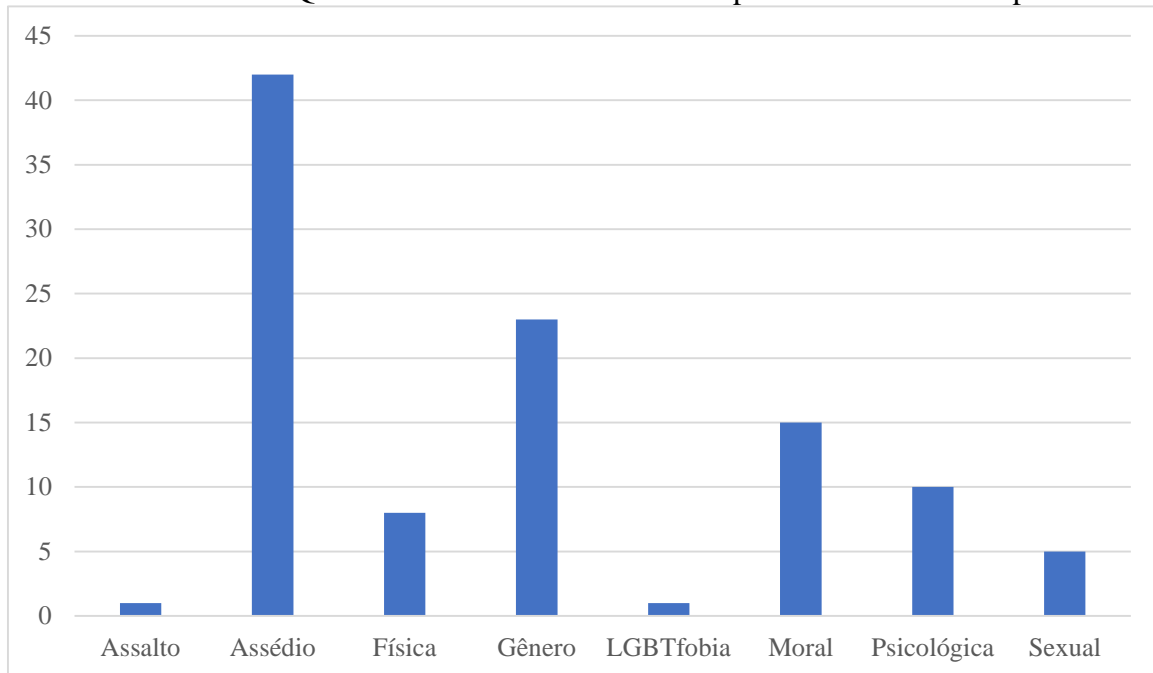
Quanto à renda familiar mensal, vinte e oito mulheres possuem renda de até três salários mínimos, vinte e uma também afirmaram possuir renda de três a sete salários mínimos e uma pessoa afirmou possuir renda acima de sete salários mínimos. Desta forma é possível analisar que a maioria das entrevistadas possuem uma renda familiar mensal de até três salários mínimos⁴¹. Este dado confirma o porquê da maioria das entrevistadas utilizarem o transporte público como principal meio de locomoção, que corresponde a questão sete. Neste caso, quarenta e quatro responderam que utilizam o transporte público; onze responderam que utilizam veículo particular e oito afirmaram usar o Uber⁴².

Nas questões oito e nove foi perguntado se já tinham sofrido violência nas vias públicas e que tipo de violência teria sido. Quarenta e seis responderam que sim, que já tinham sofrido algum tipo de violência nas vias públicas. Na tabela abaixo é possível analisar o tipo de e as quantidades de estudantes que sofreram violência:

⁴¹ Valor computado no ano de 2019. Valor do salário mínimo em 2019: R\$ 998,00.

⁴² Serviço de transporte particular via aplicativo.

Gráfico 1 - Quantidade de violências sofridas pelas estudantes e o tipo



Fonte: Elaborado pela autora, fevereiro de 2019.

A partir desses dados é possível perceber que a maioria das respondentes sofreram assédio⁴³ nas vias públicas e que a violência de gênero é o segundo mais quantificado. Estes dois fatores levam a crer que ao sofrerem assédio nas ruas algumas mulheres tipificaram tais atos como de gênero por associarem o assédio como um tipo de violência exclusivamente com as mulheres. Por não ser comum relatos de assédio sexual contra os homens, as mulheres creditam esta prática apenas contra as mulheres. Segundo Desouza, Baldwin e Rosa (2000, p. 490) sobre a pesquisa *Construção Social dos Papéis Sexuais Femininos*, os homens brasileiros relacionam o assédio como “um comportamento de sedução”, visto que, “a sexualidade feminina é construída para ser subordinada às necessidades do marido” e por ser subordinada, o homem que deve tomar a “iniciativa”. Isto se reflete na relação do assédio com o gênero feminino. Outro dado apontado é que todas relataram já ter sofrido assédio na rua como assobios, “cantadas” vindas de motoqueiros que estão passando, pessoas parando o carro para perguntarem se elas querem carona e até mesmo passando a mão em lugares como seios, glúteos e genitália.

⁴³ Até 2018 só era considerado crime, casos de assédio que ocorriam em ambiente de trabalho e por alguém de nível hierárquico superior à vítima. Em 2018 a Constituição Brasileira sancionou a lei de número 13.718, em 24 de setembro, a Lei de Importunação Sexual, chamada popularmente como a “Lei do Não” que considera crime: “praticar contra alguém e sem sua anuência ato libidinoso com o objetivo de satisfazer a própria lascívia ou de outrem”. Desta forma torna-se crime atos de assédio em locais públicos, por qualquer pessoa.

Tais comentários confirmam o fato da maioria das respondentes considerarem que a roupa pode ter sido um fator determinante para sofrerem tais atos, o que corresponde a questão dez. No caso, dezesseis responderam que talvez, por não ter certeza se realmente a roupa foi determinante no momento. Quinze responderam que sim e quinze responderam que não. Mas assim como elas consideram que a roupa pode ter sido a causa da violência ou que influenciou, ao mesmo tempo consideram que a roupa não tem importância, que o fato de estar mais vestida ou não, o risco é o mesmo.

Na questão onze foi perguntado se elas ainda possuíam as peças de roupa do momento que sofreram violência, afim de descobrir quem ainda as possui, fator considerado ao selecionar as entrevistadas que compuseram a segunda etapa da pesquisa. A maioria ainda possui as peças.

A questão doze procurava saber se já deixaram de vestir ou de usar algo por medo de sofrer violência. Quarenta e quatro responderam que sim, que já deixaram de vestir algo por medo de lhe acontecer algo. Três responderam que talvez e três responderam que não. O não querer vestir determinada peça do vestuário constitui um certo afastamento dos signos dessas determinadas peças que atribuiriam ao usuário significados e interpretações não desejáveis para aquele momento. Segundo Kwitko (2019, p. 9) a “ semiologia define o signo como algo que tem a finalidade de comunicar um sentido e que tem por função a transmissão de ideias por meio de mensagens”. As roupas carregam signos de riqueza, de beleza, de marginalidade, dentre vários outros e atribuem aos usuários seus significados, mesmo sendo real ou não (SANT’ANNA, 2007). Para evitar determinados significados e associações que determinadas peças atribuem, as respondentes as evitam para não sofrer com as interpretações da sociedade em decorrência desse uso.

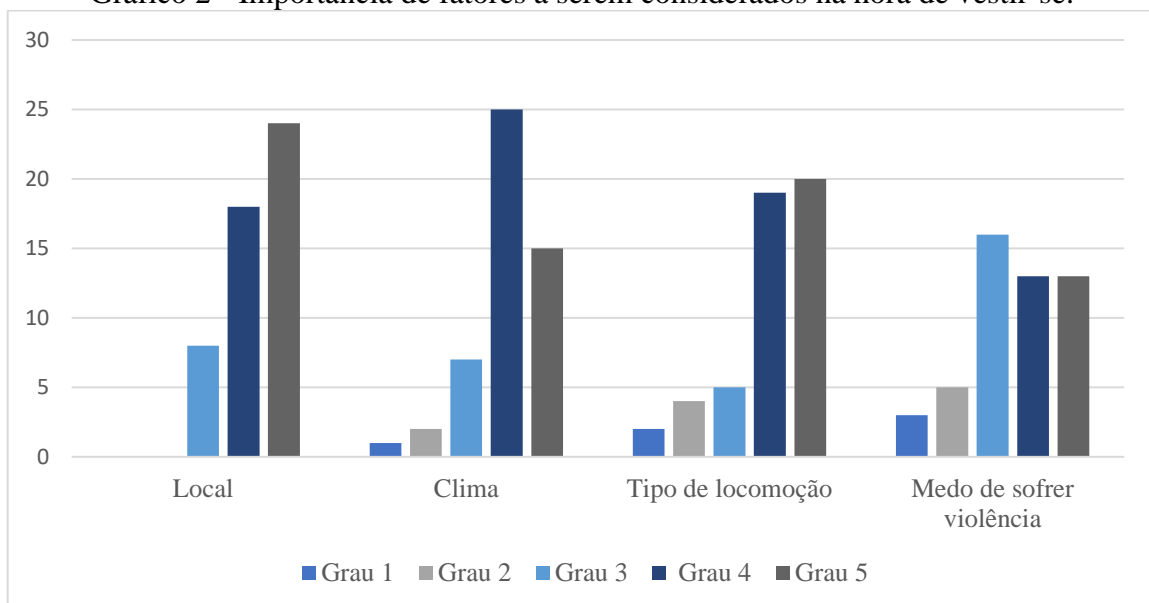
A questão treze tratava de descobrir se o fator da violência é relevante na hora de escolher o que vestir. Vinte e oito afirmaram que a violência é relevante; onze disseram que é pouco relevante; nove que é muito relevante e apenas duas mulheres disseram que o fator violência não é relevante na hora de escolher o que vestir. As questões catorze e quinze perguntava se as entrevistadas mudam ou já mudaram seu estilo de vestir-se na tentativa de evitar sofrer violência e com que frequência isso acontece. Trinta responderam que sim, que já mudaram seu estilo por medo de sofrer violência, doze responderam talvez e apenas oito disseram que não. Para a maioria das respondentes essas mudanças acontecem uma vez ou outra (21 respostas), dezesseis responderam que raramente mudam seu estilo pelo medo da violência,

dez responderam frequentemente e duas responderam que sempre, ou seja, eles adotaram um estilo de vestir-se diferente daquele que eles gostariam de usar por medo de sofrerem violência.

De acordo com Bourdieu (1983) o estilo é uma expressão de um conjunto de preferências (linguagem, mobília, vestimentas, etc) e a mudança acontece com o desejo de ser ou parecer pertencente de determinado grupo, o que o autor chama de “pretensão cultural”. Para as respondentes a mudança de estilo vai além dos estilos de vida da pequena burguesia e das classes operárias, ela é tomada a partir da sensação de insegurança nas vias públicas e o novo estilo criado, age como uma “armadura” escondendo e protegendo o verdadeiro “eu”. Brandini (2008, p. 7) chama de “máscaras sociais” essa representação diante da exposição nas vias públicas e boa parte dessas máscaras constituem-se pela “composição indumentária.

Na questão dezesseis são colocados lado a lado fatores que podem ser levados em consideração na hora de escolher o que vestir e foi pedido para as entrevistadas assinalassem o grau de importância deles, considerando 1 o menor grau de importância e 5 o maior como mostra o gráfico 1.

Gráfico 2 - Importância de fatores a serem considerados na hora de vestir-se.



Fonte: Elaborado pela autora, novembro de 2018.

Com as respostas destas perguntas muitos questionamentos são levantados e que se relacionam com as respostas das questões anteriores. O fator “local” possui um alto grau de importância na escolha da roupa, o que nos leva a pensar sobre o local como ocasião: restaurante, aniversário, praça; como bairro, podendo ser lugares desconhecidos e/ou estigmatizados. Este último determina muitas vezes o tipo de locomoção, segundo fator

considerado importante, pois dependendo do tipo de transporte propicia ou não uma sensação de segurança, de forma que as mulheres adequam suas roupas para a utilização de cada transporte, como veremos mais adiante.

O clima também é outro fator considerado importante devido as altas temperaturas da cidade que se situa no estado do Ceará que possui clima semiárido com média de 27 °C. De acordo com a ergonomia, altas temperaturas trazem desconforto ao corpo, podendo ocasionar danos à saúde como desidratação e insolação (GRAVE, 2004, p. 57). Diante de uma situação em que há o calor este se torna um fator importante na hora de escolher o que vestir.

Ao se pensar sobre o que vestir, as entrevistadas seguem um padrão de fatores determinantes para a escolha. Numa escala regressiva o local é o primeiro fator a ser considerado, seguido da locomoção, clima e medo de sofrer violência. Além de pensar o local como ocasião é importante citar sobre lugares com fama de violência, títulos propagados por programas policiais⁴⁴ que divulgam casos de violência e geram medo nos seus telespectadores. Este fato se enquadra no terceiro tipo de medo segundo Paiva (2007), ou seja, o medo por achar que os bairros pobres ou de periferia são violentos, que culminam no segundo tipo, o medo propagado por comentários ou pela mídia.

E ainda sobre o grau do tipo de locomoção, na hora de vestir-se, o transporte é mais decisivo sobre o que vestir do que o clima. Analisando as respostas anteriores, em que a maioria utiliza transporte público, podemos ligar estes dois dados ao fator insegurança. Inconscientemente ou não, é feita a escolha por determinadas peças de roupas que passam a sensação de segurança e isso acontece mais quando se utiliza o transporte público, lugar em que se encontra muitas pessoas desconhecidas.

Apesar do fator medo de sofrer violência estar em último lugar na hora de escolher o que vestir segundo as respondentes, ele está intrinsecamente ligado ao primeiro fator, o local, quando o pensamos como um lugar público e áreas estigmatizadas. Isso revela que o desejo de se sentir segura está presente em grande parte das escolhas do vestir, mas que, para algumas, isto não é consciente.

⁴⁴ “Segundo CEDECA (2011), os programas policiais cearenses ocupam 50 horas da programação semanal em canais abertos. Entre os canais, destacam-se: “Barra Pesada” – transmitido pela TV Jangadeiro, afiliada do SBT; “Cidade 190” – programa da TV Cidade, afiliada da TV Record; “Comando 22”, “Rota 22” e “Os Malas e A Lei” – ambos transmitidos pela TV Diário, emissora que faz parte do Sistema Verdes Mares, grupo de comunicação afiliado à Rede Globo” (Nota retirada de: PEQUENO, Letícia Sampaio. **Tempo de Luto, Hora de Luta: Sofrimento e Resistências das Mães de Adolescentes Vítimas da Chacina em Fortaleza/Ce.** 2018. 171 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Acadêmico em Serviço Social, Trabalho e Questão Social, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.

Quanto as escolhas de roupa para se sentir mais segura, foi perguntado nas questões dezoito e dezenove quais peças de roupas transmitem e quais as que não transmitem sensação de segurança para andar nas vias públicas. A tabela 2 contém a relação das peças de roupa e a porcentagem das respostas.

Tabela 1 - Peças de roupa que transmitem e que não transmitem sensação de segurança para trafegar nas vias públicas.

Sensação de Segurança		Sensação de Insegurança	
Peça de Roupa	Porcentagem	Peça de Roupa	Porcentagem
Camiseta	78%	Camiseta	2%
Calça Jeans	84%	Calça Jeans	4%
Legging	12%	Legging	46%
Short curto	2%	Short curto	82%
Saia curta	0%	Saia curta	88%
Saia longa	6%	Saia longa	8%
Blusa de alça	2 %	Blusa de alça	40%
Vestido curto	1%	Vestido curto	62%
Vestido longo	52%	Vestido longo	8%

Fonte: Elaborado pela autora, novembro de 2018.

A partir das respostas é possível perceber que a calça jeans e camiseta são consideradas as peças que transmitem uma maior sensação de segurança podendo levantar a hipótese de que a calça jeans, por cobrir grande parte das pernas transmitem essa sensação de segurança. Em contrapartida, calças coladas ao corpo acentuam as curvas das pernas e que muitas mulheres tentam disfarçar com a camiseta folgada. Em relação às peças de roupa que não transmitem sensação de segurança para trafegar nas vias públicas estão as peças curtas e principalmente a saia curta. O ato de esconder a pele aqui é colocado como uma proteção contra possíveis violências que a mulher pode sofrer por mostrar o corpo, pois como afirma Grave (2004, p.57) “vestir é um ato preventivo”.

Uma das respondentes afirma que: “não acho que nenhuma me deixa segura pq as pessoas assediam até se a pessoa tiver toda coberta. Mas se eu tiver com um sapato que seja confortável eu já me sinto segura pq pelo menos correr eu consigo”. Neste caso o conforto ergonômico é incluído como um fator que transmite sensação de segurança.

7 MUDANÇA DE ESTILO: COMO A VIOLÊNCIA AFETA O ATO DE VESTIR E VER O OUTRO

A segunda parte da pesquisa ocorreu por meio de entrevistas realizadas com quatro estudantes que, segundo elas, a roupa pode ter sido um fator determinante para terem sofrido ato de violência. Por se tratarem de histórias íntimas das entrevistadas, seus nomes foram preservados e foram utilizadas letras para identificar cada uma. Todos os casos contados tratam de assédio que aconteceram no ônibus (casos de C. e B.) e na rua (casos de L. e S.).

O guia de entrevista (apêndice B) é composto por nove questões que, buscou investigar as seguintes questões: saber como elas percebem a violência no seu cotidiano e quando ela ficou mais evidente para si; como foi e como aconteceu o caso de violência que sofreu; entender como é suas relações com a roupa antes e depois do ocorrido; apontar as peças de roupa que transmitem uma maior sensação de segurança para andar nas vias públicas para as entrevistadas e descobrir se por medo de sofrer violência, as demais pessoas estão se caracterizando ou descaracterizando mais como um mecanismo de proteção e como elas percebem isso.

Na primeira questão foi perguntado como elas percebiam a violência no seu cotidiano e quando ela se tornou evidente. Três das informantes disseram que passaram a perceber a violência a partir de uma certa idade, quando o corpo começou a mudar e quando começaram a utilizar o ônibus como meio de locomoção.

Assim, eu percebi a violência a partir de uma certa idade principalmente a idade quando você começa a andar de ônibus, quando você começa a viver mais independente de pai e mãe. E aí que tipo, a partir de uma certa idade seu corpo muda, muitas coisas acontecem e aí você percebe muito mais os olhares, muito mais desconfortos, e aí começa as piadas bestas (L., 20 anos, entrevistada em 16 de abril de 2019).

Assim, eu pego muito ônibus né, pra vir pra universidade, pra todo quanto lugar que eu vou meu meio de transporte principal é o ônibus, então eu percebo assim, no meu dia a dia, caminhando até de uma rota sabe, um ônibus pra outro, é todo cuidado que a gente tem que ter (B., 25 anos. Entrevistada em 02 de abril de 2019).

Eu sou do interior, sou de Morada Nova no interior do Ceará e eu nunca tinha pegado ônibus na minha vida e os relatos que ouvia era das minhas tias que escutavam as coisas dos jornais e falavam: “Não chame atenção. Tente se misturar o máximo possível” (C., 20 anos. Entrevistada em 01 de abril de 2019).

Um das entrevistadas relatou que a violência é algo “normal” para ela e sempre esteve presente em sua vida pelo fato de morar em um lugar que sempre ocorriam situações de violência.

Pra mim é normal. Eu nunca tive esse negócio: ah, Fortaleza não é violenta. Acontecia assassinato na frente da minha casa. Tal hora eu acordava: não, morreu tal pessoa ali, ou então: mataram uma menina a paulada ali, na frente da minha casa. Então pra mim é naturalizado a violência porque eu sempre vivi num ambiente muito violento, lá onde eu morava (S., 21 anos. Entrevistada em 12 de abril de 2019).

A percepção da violência nesses bairros é diferente para quem vê de fora e para os moradores. Mesmo sabendo de casos de violência que acontecem no bairro os moradores ainda têm um grande apego pelo seu lugar de moradia, que sempre viveram ou passaram uma boa parte da sua vida (ANDRADE, 2007). Quando essa percepção muda, seja por experiências próprias de casos de violência ou pelo medo de atentado a sua vida, passam a enxergá-lo como um observador externo e o sentimento de pertencimento se desfaz. S. sempre conviveu com casos de violência no seu bairro e a sua percepção do lugar sempre esteve ligada ao pertencimento. Ela ainda diz que era um lugar tranquilo pois não era permitido assaltar dentro da comunidade, o que lhe dava mais liberdade para usar certos acessórios na rua. Quanto ao medo da violência ele sempre existiu, mas o naturaliza por achar que é normal por conviver em bairro de periferia.

Quanto a percepção do aumento de violência, uma entrevistada respondeu que começou a perceber através de programas policiais⁴⁵ que trazem dados sobre o número de violência contra mulheres e através de relatos de amigas que já passaram por situações de assédio, de forma que, a percepção da violência gera o medo e a sensação de insegurança; outras informaram que se deve muito ao fato de ouvirem bem mais de seus pais o que deve e o que não deve vestir para sair de casa.

Trazendo os conceitos de ergonomia no qual o vestuário deve respeitar as “funções anatômicas e psicológicas” do indivíduo, de forma a garantir a “saúde” do mesmo, as roupas, portanto devem proporcionar bem-estar físico e mental. Se o uso de determinadas peças do vestuário proporciona sensação de segurança para trafegar nas vias públicas, logo podemos encaixá-lo como um fator ergonômico. A fala dos pais reflete bem o conceito de Grave (2004) sobre vestir ser um ato preventivo, mostrando que a tentativa de se proteger da violência com o uso ou não dessas peças proporciona não apenas conforto psicológico ao usuário, mas também aos pais que consideram as roupas mecanismos de proteção.

⁴⁵ Os programas policiais transmitidos na TV cearense são: Barra Pesada, Cidade 190, Comando 22 e Rota 22.

Na segunda questão foi perguntado como aconteceu o caso de violência que sofreram. O fator comum para as entrevistadas é de acharem que a roupa possa ter influenciado para que aquilo tenha acontecido com elas, correspondente à terceira pergunta. Quando perguntadas sobre o caso que sofreram violência todas ficaram na dúvida sobre qual contar, mostrando que isso é algo corriqueiro em suas vidas. C. relata um caso que aconteceu dentro do ônibus.

Eu estava indo viajar, [...] tinha um cara do meu lado. Estava vindo a viagem do meu lado. E aí eu cochilei. Quando eu acordei ele estava com o celular assim ó (gesto mostrando como se estivesse tirando uma selfie), me gravando o meu corpo e eu fiquei tipo, muito assustada e eu dei um jeito. Eu me levantei, pedi pra trocar de lugar. [...] Eu me senti extremamente mal e eu fiquei pensando: “Porque que usei essa roupa”. E o macaquinho tem nada demais, ele não é tão curto, ele é só... [...]. Dá nem pra ver o formato do seio, mas o cara ele se sentiu no direito de me gravar e aí eu fiquei muito mal. Passei o dia inteiro pensando nisso. Me sentindo realmente um lixo, de ter escolhido aquela roupa, que eu poderia ter usado um legging e uma blusa normal, sem chamar nenhuma atenção e aí nessas horas A gente pensa: “ eu deveria ter saído de casa sem chamar nenhuma atenção, por mais que a roupa no início você pensar que não tem nada demais nela. E aí você fica pensando que a culpa é sua. (C., 20 anos. Entrevistada em 01 de abril de 2019).

C. relata que houve um outro caso anterior a este e que também sofreu assédio em ônibus no qual passaram a mão no seu seio e que estava usando esse mesmo macaquinho (Figura 7). Depois disso C. evitou usá-lo quando saísse de ônibus, apesar de gostar bastante dele.

Figura 10 - Macaquinho de C. usado no dia que sofreu assédio.



Fonte: Peça fornecida pela entrevistada C.. Acervo pessoal, maio de 2019.

Como este caso aconteceu em um ônibus coletivo de Fortaleza, ela jamais imaginaria que isso poderia acontecer em um ônibus intermunicipal. Após esses dois casos C. parou de usar o macaquinho e começou a evitar peças semelhantes a ele. “Não me dava mais

conforto, porque ficava... isso mexe com o psicológico da pessoa e se tem uma roupa que não é mais confortável pra mim eu evito ao máximo. E outras nesse estilo também (C., 20 anos. Entrevistada em 01 de abril de 2019). O conforto aqui colocado é referente a se sentir mais segura e que se sobrepõe ao conforto físico. O sentir-se segura se coloca como um conforto psicológico e esse sentimento se opõe ao do medo, que de acordo com Koury (2006) no artigo Noção do Medo sobre a visão dos moradores da cidade de João Pessoa entre 2002 a 2007, se classifica em três tipos: a falta de segurança pessoal ou familiar, a falta de confiança em si ou de errar e a falta de fé. No caso de C. o uso do macaquinho lhe trazia medo - sensação de insegurança pessoal -, ou seja, estar confortável e estar segura para C. é não sentir medo, principalmente no uso de transportes coletivos.

A pesquisa Viver em São Paulo: Mulher e a Cidade ⁴⁶, realizada pela Rede Nossa São Paulo em parceria com o IBOPE no período de 04 a 21 de dezembro de 2018, afirma que 52% das mulheres declararam já ter sofrido algum tipo de assédio, sendo 38% delas dentro de transporte coletivo. Tal dado confirma esta realidade enfrentada pelas estudantes que usam o ônibus como principal meio de locomoção em Fortaleza e revela que tais situações são enfrentadas pelas mulheres que se utilizam desse transporte. Isto acontece porque, segundo L. quando os ônibus estão lotados, que é um fato corriqueiro, não há o que se fazer quando alguém encosta em você justamente pelo motivo de estar lotado.

[...] geralmente é mais em, dentro de ônibus mesmo. Porque é um lugar que você tá com mais gente e menos espaço né. [...] Ônibus lotado você num vai reclamar de ter gente encostando em você porque não tem o que fazer (L., 20 anos, entrevistada em 16 de abril de 2019).

Outro fato relatado foi que quando situações de violência acontecem, as demais pessoas que presenciam não esboçam nenhuma reação. Segundo Silva, Gregoli e Ribeiro (2017) fatos como estes que acontecem em transportes públicos ilustram bem a tolerância cultural e social à violência contra a mulher. A fala de B. ilustra bem essa tolerância e que as pessoas nada fazem por não saberem como reagir.

[...] as pessoas que observam aquilo, acho que muitas vezes elas não sabem como reagir, sabe? As mulheres ficaram olhando para o acontecimento. Geralmente só a pessoa que reage realmente reage a aquilo, sabe? É muito difícil encontrar alguém que se meta na vida dos outros dessa forma, sendo que o ideal seria se meter. A pessoa já se sente tão vulnerável, tão violentada, que ter forças pra poder gritar com uma pessoa e não conseguir apoio, é muito difícil (B., 25 anos. Entrevistada em 02 de abril de 2019).

⁴⁶ Disponível em: < <https://bit.ly/2EuCciO> >. Acesso em 21 de abril de 2019.

Para Sennet (1976, p.58) nos espaços públicos é difícil julgar os outros por não conhecer suas histórias e por não ter uma experiência com eles e que “o conhecimento no qual a crença pode se basear confina-se aos limites da situação imediata” e que depende de como a pessoa se comporta, através da fala, gestos e roupas. Ou seja, a tolerância social citada por Silva, Gregoli e Ribeiro (2017) se dá por não conhecer a vítima de assédio e muitas vezes pela roupa usada no momento, que justificam como fator para casos como este, culpabilizando assim, a vítima.

A falta de uma sensação de segurança dentro dos ônibus faz com que algumas mulheres optem por transportes alternativos como o Uber, um serviço individual de aplicativo.

Às vezes a gente acaba gastando mais por não se sentir segura do que no ônibus. As vezes tem locais que dava super pra você ir de ônibus, mas você pensa: poxa eu queria tanto usar essa roupa e de ônibus eu não vou poder usar ela e aí você acaba indo de Uber (C., 20 anos. Entrevistada em 01 de abril de 2019).

Mas até a utilização desse transporte é usado com cautela. Algumas entrevistadas afirmam que também sentem medo em utilizar o Uber por casos de assédio que aconteceram com pessoas próximas e de relatos divulgados nas redes sociais. Como anteriormente citado, não precisa de uma experiência própria para se ter medo, basta um comentário para que ele se aflore, fazendo com que o indivíduo tome certas medidas para prevenir e evitar o pior conforme nos relata B, ela prefere dormir na casa de amigos do que pegar o Uber, pois, já ouviu vários casos de assédio neste tipo de transporte (PAIVA, 2007).

[...] eu prefiro dormir na casa deles [dos amigos] a pegar até o Uber. Eu fiquei com medo de pegar até o Uber juntos. Que eu não sabia quem ia entrar comigo, entendeu? Um Uber. E eu só usei em caso de emergência [...]. Eu tenho medo disso, uma pessoa que assedia e violenta, porque já teve casos, muitos casos né, [...] já vi colega me mandando mensagem, já vi em fórum do Facebook, tem muita coisa no Facebook denunciando Uber e tal e eu já vi assediador que já é conhecido e tal, conhecido como assediador aqui em Fortaleza virando Uber, sabe [...] (B., 25 anos. Entrevistada em 02 de abril de 2019).

O caso de violência sofrido por B. aconteceu dentro do ônibus e que se trata de um caso de preconceito por parte de policiais e como ela nos relata, isso pode ter acontecido devido ela estar “desarrumada”.

O pior foi do dia que eu andei de ônibus e o policial me abordou sabe, e disse que eu fazia o perfil de menina de favela. De menina que ele conhecia o perfil e que ele tinha a obrigação de ir lá e revistar as minhas coisas porque eu tinha todo... ele ainda fez assim com a mão né, tipo, sinalizando de cima pra baixo pra mim, fazia todo o perfil [...]. Eu vim realmente desarrumada porque eu não queria me arrumar no dia, sabe, eu acho que eu tenho direito... (risos) e estava bem cansada da rotina do final de semestre,

e eu vinha [para a UFC] pra uma palestra sobre empreendedorismo. Aí tipo assim, eu estava nesse ônibus e ele começou a revistar as pessoas. [...]. Revistando pessoas bem específicas. Até que uma mulher que estava de frente pra mim [...] botou a bolsa pra frente, meio que abrindo assim, e perguntou ao policial se ele ia revistar a bolsa dela e falou “o policial” - Não, você não precisa. Aí ele chegou pra mim e falou: -Deixa eu ver sua bolsa. Aí eu meio que o sangue esquentou porque minha diferença ali sabe... eu falei: -Porque que você quer ver minha bolsa, sabe. Eu: - Não, eu vou abrir aqui, mas eu quero saber o porquê. Qual a diferença aqui? Aí ele - Não, porque você faz todo o perfil de pessoa suspeita. Aí eu abri a bolsa né, eu fiquei toda me tremendo na hora porque ele fez questão de jogar o preconceito dele pra cima de mim sabe. E tipo, eu estava indo pra aula (B., 25 anos. Entrevistada em 02 de abril de 2019).

Neste relato duas questões são apontadas. A primeira é o fato de que ser comparada como “menina da favela” que de acordo com B. se caracteriza pelo uso de roupas curtas e decotadas, tatuagens e piercings. Mizrahi (2007) no seu artigo *Indumentária Funk: A Confrontação da Alteridade Colocando em Diálogo o Local e o Cosmopolita* descreve as roupas e adornos usados nos bailes funk frequentados em sua maioria por moradores de favelas. Para as mulheres à preferência por roupas coladas ao corpo, decotadas e de tecidos de malha descreve bem este estereótipo de “menina da favela” citado por B. e por S., uma outra entrevistada que usa o termo “vete de favela”. Apesar de morar do lado de uma favela, ser comparada a essas meninas a fez B. se sentir muito mal, ainda mais porque nesse mesmo ônibus havia uma outra menina que fazia esse mesmo perfil.

Ela estava com esse mesmo perfil, de short né, toda tatuada, A diferença é que ela estava sentada no colo duma mulher e estava tipo rindo, debochando do trabalho do policial né. Eu acho que é porque ela já estava cansada daquilo ali. Ela já sabia o que ia acontecer. Aí teve um conflito interno né, meu. Tipo, eu estava sendo comparada a ela, sabe, o jeito que ela estava ali debochando, já mascando chiclete com a boca aberta e tudo o mais, e tipo... também a parte dele [o policial] ter dito que eu tinha o perfil porque eu era magrela né, magra, é... negra e estava toda desarrumada, sabe (B., 25 anos. Entrevistada em 02 de abril de 2019).

Segundo Lima, Sousa e Mendes (2018, p. 100) o estigma criado sobre os bairros de periferia se deve muitas vezes pela “mídia e por ações repressoras da polícia” criando “produções simbólicas negativas sobre os moradores dessas regiões”. Suas roupas entram como “fator de identificação desses indivíduos” e geram, segundo Pequeno (2018, p. 28) “estranhamento e desqualificação social, visto que são espaços produzidos para distanciar pessoas [...]”.

A outra questão apontada é o fato de que estar “desarrumada” tenha sido motivo de desconfiança do policial. O estar “desarrumada” pode corresponder a um baixo investimento realizado com a aparência, que segundo Sant’Anna (2007) engloba desde as roupas, apliques, cuidados com a higiene, até os gestos e comportamentos. A autora denomina esse investimento

com a aparência de “capital-aparência corporal, conforme a conceituação de Michèle Pagés-Delon e que está diretamente ligada a aceitação social, pois, há regras de vestimentas e comportamentos sociais que mudam dependendo do local.

Estava calor naquele dia então eu vim de short curto, né e eu vim com essa blusa [...] de gola alta, sabe... ela cobre mais ou menos o short até metade aqui assim. [...] [Estava] de chinelo e estava com o cabelo pintado. Vermelho, que é outra coisa que meio que.... Porque estava naquela época que o pessoal associava menina de cabelo vermelho a tráfico, à facção criminosa, mas naquela hora ali, naquela época eu não tinha [...] a gente tem uma situação muito vulnerável financeiramente, sabe, e pra trocar cor de cabelo é caro [...] (B., 25 anos. Entrevistada em 02 de abril de 2019).

O fato de B. associar o caso à maneira como estava vestida e à cor do seu cabelo, fez com que ela o pintasse de marrom escuro, a cor natural do seu cabelo, apesar de gostar dele vermelho, e passou a se “arrumar” mais para sair de casa. Quanto as roupas que usava no dia ao vê-las ela ainda lembra do ocorrido, mas que aprendeu a ressignificá-las. Ela também diz que não usa mais a blusa (Figura 11) com shorts curtos nem em ônibus. “[...] eu já vestir pra sair ou com uma calça comprida, mas nunca mais com short, entendeu. Eu ainda... eu acho que consigo, mas sair de ônibus com ela eu não saio mais. Dá até uma sensação ruim pensar nisso, sério mesmo” (B., 25 anos. Entrevistada em 02 de abril de 2019).

Figura 11 - Blusa de B. usada no dia que sofreu preconceito.



Fonte: Peça fornecida pela entrevistada B.. Acervo pessoal, maio de 2019

Os outros dois casos aconteceram na rua. L. estava indo trabalhar e S. estava fazendo compras no Centro de Fortaleza com sua mãe.

Eu estava indo da minha casa pra parada de ônibus que é a um quarteirão da minha casa, indo pro trabalho e aí eu [...] estava dobrando a esquina passou uma moto e deu as piadinhas: “- Ah, coisa linda, ah, gosto... não lembro o que foi, o que ele falou, mas foi bem alto e bom som e aí que pessoas que estavam ao redor também escutaram [...]. Passei, fingi que não foi comigo. Aí tinha uns senhores [...] numa esquina aí viram que eu olhei pro motoqueiro, me incomodei, aí falaram: “- Mas mulher, tu tá indo pro trabalho com essa blusa...[...] Eu estava com uma blusa que era tipo regata, sem manga, de botão e aí, e era transparente, mas eu estava com um top de renda por dentro. E aí, excluíram que estava indo pro trabalho, excluíram que eu estava de calça jeans... Pronto. O motivo foi eu estar com uma blusa que talvez chamasse mais atenção dos homens. Aí eu fiquei... No momento eu olhei pra minha roupa realmente, meu deus! Uma roupa dessa.... Por quê? O que tem na minha roupa? (L. 20 anos. Entrevistada em 16 de abril de 2019).

Dados de 2014 do Ipea/SIPS⁴⁷ apontam a concordância, pelos entrevistados, que eram homens, com a afirmação “se as mulheres soubessem se comportar haveria menos estupros” justificando que certos comportamento e o uso de determinadas roupas pelas mulheres ainda são “controlados” pela sociedade e o que acontece com ela é culpa dela. Segundo Silva, Gregoli e Ribeiro (2017, p. 26) a “tolerância social à violência contra as mulheres é manifestada pela culpabilização da vítima, pela desconfiança com relação ao seu relato de violência e pela eufemização e naturalização do comportamento do agressor”. Isto impede que as vítimas se identifiquem como tal.

Apesar do ocorrido, L. afirma que não deixou de usar a blusa para ir trabalhar, mas que sempre lembra do ocorrido ao vê-la. Outra questão da fala de L. é quando ela diz que, mesmo estando de calça jeans aquilo aconteceu com ela, revelando que o uso de determinada peça a isentaria de sofrer assédio. Os resultados da pesquisa quantitativa deste trabalho revelaram que a calça jeans é a peça que mais transmite sensação de segurança para trafegar nas vias públicas, e que nos leva a crer que por essa sensação L. se sentiu segura em usar uma blusa mais transparente e achar que nada aconteceria com ela.

Um outro caso que também aconteceu com L. foi de um assalto em que vestia uma roupa mais colada, e por não ter onde “esconder” o celular dentro da roupa, guardou na bolsa.

Eu estava indo trabalhar mais uma vez (Risos). Era sete horas da manhã mais ou menos e eu estava indo pra parada [de ônibus]. Aí chegou né, um rapaz, um moço de moto, aí tipo, ele estava falando muito baixo [...] porque tinha gente na calçada da frente. E aí ele ficou tipo: - Bora. Passa, num sei o quê. E aí eu... (Fazendo cara de desentendimento). Não estava entendendo o que ele estava falando, e fiquei: o quê? Aí ele: - Bora! Num sei o quê, num sei o quê, tu num sabe não né, onde é que.... Aí tipo, quando ele ia falar outra coisa ele falava alto. - Tu num sabe não né, onde é que

⁴⁷ Tolerância social à violência contra as mulheres. Disponível em: <http://ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres.pdf>. Acesso em 25 de maio de 2019.

tem num sei o quê aqui? Aí eu: - não moço, eu num sei não. Aí ele: - Bora, passa [...]. Aí eu fiquei meia hora... (Fazendo cara de desentendimento). Aí foi quando eu: -Ah, isso deve ser um assalto, aí eu fui abrir minha bolsa e tirei o celular. Aí eu percebi que era realmente um assalto. Aí eu entreguei. Aí tipo, meu celular não estava escondido. Eu comecei a esconder depois que eu comprei um novo.

Este caso chama atenção por L. afirmar que isso não teve nada a ver com a roupa, mas que depois do ocorrido passou a evitar roupas muito coladas por não ter onde “esconder” seu celular. Os discursos que as roupas atribuem ao corpo a cada composição diária do vestuário geram um novo olhar a esse corpo fazendo-o transmutar do “biológico” para o “social”, já que este corpo está inserido em um contexto social que através das roupas se posiciona socialmente (SANT’ANNA, 2007). Desta forma o corpo de L. deixa de ser apenas uma matéria orgânica e se torna guardião de um bem. A roupa frouxa reforça a mensagem que L. deseja passar, a de não ter bens valiosos afim de passar despercebida aos olhares mal-intencionados nas vias públicas.

O outro caso trata do assédio sofrido por S. enquanto caminhava nas ruas do Centro de Fortaleza.

Eu estava com a minha mãe [...] e eu estava de legging e de blusa longuinha como sempre, mas, passou um senhor e esse senhor ele realmente me apalpou na frente. E eu na hora eu não acreditei que tinha sido, mas, ele apertou e realmente foi muito nítido (S., 21 anos. Entrevistada em 12 de abril de 2019).

Antes de falar deste caso S. contou que até então sua mãe não sabia do ocorrido.

E eu na hora eu não acreditei que tinha sido, mas ele apertou e realmente foi muito nítido. E eu estava com a minha mãe. Na hora eu fiquei com medo de parar e falar porque a minha mãe ela é um pouco o contrário de mim. Ela no mínimo ia querer fazer um barraco sabe. Na hora eu não falei. Tanto que eu nem falei disso pra minha mãe. Aí depois a gente foi andando, parei pra pensar: meu deus, ele realmente fez o que ele fez? E aconteceu. Esse dia eu fiquei bem assim porque foi muito, muito... muita cara de pau. [...]. Eu até pensei em ter puxado e ter falado: mãe... E eu sabia quem era. Porque eu olhei assim pra cara da pessoa, apesar de tá lotado né eu vi quem era. Ele passou do meu lado e eu até pensei em puxar assim a minha mãe e falar: mãe... Eu sempre ando perto dela né, bem do lado, mas aí eu pensei: ela vai querer brigar com o homem, ela vai querer bater no homem. Aí eu fiquei na minha. Eu num era tão novinha não. Devia ter uns dezessete anos já (S., 21 anos. Entrevistada em 12 de abril de 2019).

S. estava vestida com uma legging e uma camiseta comprida e folgada e que depois desse dia parou de usar legging para sair de casa por medo de que isso voltasse a acontecer, e a usa somente para ir à academia que é próxima a sua casa. Outro caso que também aconteceu

com S. foi no bairro que morou até seus 17 anos e que era um ambiente perigoso por haver organizações criminosas que comandavam o bairro. Segunda ela ao mesmo tempo que havia esse medo por parte da população, era um lugar “tranquilo” pois não era permitido assaltar no local e que dava a S. um pouco mais de liberdade para usar alguns acessórios. “Quando eu morava no meu outro bairro é aquele negócio, lá eles não podiam assaltar então eu usava relógio, usava brinco e tudo mais” (S., 21 anos. |entrevistada em 12 de abril de 2019). S. credita o ocorrido por estar vestida com uma regata que, segundo ela, evidenciou seus seios.

Já aconteceu casos de tipo, eu estar nesse bairro e eu estar só com regata. Eu estava indo pra algum canto e passaram assim, quatro pessoas que você sabe que não são pessoas muito, assim, normais né. Eles eram quatro integrantes de gangue e tudo mais... E tipo, chegaram quatro meninos, eles me cercaram e ficaram tipo, de brincadeira: Ah...não sei o quê. Falando da minha roupa, tipo, do meu decote: Ah essa blusinha não tá muito curta? Era uma blusa básica. Era uma blusa tipo essa (com decote mais em baixo), mas ela não tinha manga Era regata. Porque na época do ensino médio eu tinha muito peito [...]. Eu era mais magra. Mas era muito nítido a quantidade de peito que eu tinha, aí foi quando eu passei a evitar realmente sabe (S., 21 anos. Entrevistada em 12 de abril de 2019).

Atualmente S. só usa camiseta regata em casa e passou a evitar camisas mais coladas ao corpo na tentativa de não chamar atenção para seu corpo.

As questões quatro, cinco e seis tratam sobre o estilo de se vestir das entrevistadas antes e depois de sofrerem violência, a fim de saber se mudou, o que mudou e como é a relação delas com as roupas atualmente. Duas entrevistadas afirmaram que mudaram seu estilo após o ocorrido e que passaram a gostar desse novo estilo. Neste caso a mudança de estilo se deu pela necessidade de se sentir mais segura e encontraram nas roupas um campo fértil de signos, com a facilidade de modificá-los e rearranjá-los, usando-os quando acharem necessário, pois as roupas juntamente com o corpo se tornam ferramentas de comunicação (SANT’ANNA, 2007).

A partir da mudança, a prática da escolha das roupas foi criando novos relacionamentos com formas, cores e texturas. Desta forma os hábitos mudaram assim como os gostos e preferências.

A outras duas afirmaram que não mudaram seu estilo, mas passaram a não usar camisas coladas ao corpo, sendo que uma é pelo motivo de não evidenciar o celular que esconde no corpo e a outra é para não chamar atenção para seu corpo.

C. conta que gosta de roupas confortáveis e soltas, mas que nem sempre foi assim. Gostava de vestir shorts, vestidos e saias curtas, mas ao ir morar em Fortaleza percebeu que não se sentiria bem em usá-las para andar de ônibus, tanto pelo medo de assédio como pelas suas roupas serem “diferentes” das pessoas que fazem uso deste transporte. De acordo com Navarri

(2010) os *dress codes*⁴⁸ sociais talvez tenha um efeito protetor ao ditar uma referência estética para evitar a “comparação e desqualificação” daqueles que não se submetem ao código. Para C. ao adotar o “código” daqueles que usam o transporte coletivo, evita não somente a comparação e a desqualificação, mas também olhares mal-intencionados que possam vir a lhe causar algum mal.

C. passou então a usar calça jeans, mesmo não gostando, legging e camiseta na tentativa de não chamar atenção para si.

Cheguei aqui nunca usei nada. Que eu cheguei na casa da minha tia ela falou: - Não, evita, usa uma coisa mais [...] que não te coloca em perigo. E eu acatei. Chegou de uma forma que eu só conseguia me sentir confortável daquela forma, mas não foi por gosto. Por mim [...] eu viria duma forma totalmente diferente da que eu vinha. (C., 20 anos. Entrevistada em 01 de abril de 2019).

Após essa mudança C. conta que foi mudando novamente suas roupas, substituindo o que a fazia mal com relação ao conforto, e aqui se coloca o conforto físico, que tange o corpo e psicológico, relacionado ao sentimento de estar bem o não, de sentir bela e/ou segura. Segundo Caldas, Lopes e Carvalho (2018) o conforto se dá através da relação do ser humano com o vestuário e o meio ambiente. Na busca de se sentir “bonita e confortável”, requisitos para se sentir segura conforme C. nos relata, ela trocou a calça jeans pela pantacourt e aderiu a um estilo de roupas largas, compridas, e que não marquem o corpo.

Já a B. afirma que antes do ocorrido não tinha um estilo propriamente dito, pois, muita das suas roupas eram doadas. Atualmente procura confeccionar suas próprias peças com um estilo romântico, urbano e *business woman*⁴⁹. Quando perguntada se ela percebeu que mudou seu estilo na tentativa de se sentir mais segura, ela afirma que aconteceu após o caso de preconceito.

A minha sogra, a minha mãe todo o tempo dizendo pra eu me arrumar mais pra que essa situações não acontecessem, é... tentasse me esforçar pra sair um pouquinho mais arrumada [...] Se distanciar também da questão do policial chegar e falar isso pra mim né. [...] a minha sogra também tem esse medo, ela fala: “- Ó [olha], vai mais arrumada porque sofrer preconceito é uma coisa que eu não sei”. A mãe do meu namorado é branca, é loira dos olhos verdes e tal, então é uma coisa que ela não sabe, mas é uma coisa que ela tem empatia e tenta imaginar se colocar no meu lugar né, e ela fala: “- Olha, essas coisas acabam com a pessoa. Não faça mais isso né. Tem que se arrumar mais. [...]. Muitas vezes eu pensei: não, num vô também me submeter a essas coisas, sabe. Ninguém tem que mandar no meu estilo, mas depois que você passa por situações de violência você quer se proteger também. Tipo, você tem aquela

⁴⁸ Traduzido do inglês significa código de vestimenta. Tradução livre.

⁴⁹ Traduzindo do inglês significa mulher de negócios, a empresária. Tradução Livre.

Trata-se de um estilo em que predomina roupas como a saia secretária, camisas de botão, calças de alfaiataria e blazers.

resistência a mudar por causa da situação x ou porque a sociedade é assim, mas também você quer se proteger, afinal de contas tem aquela coisa de amor próprio né e tudo mais. E você se protege, se resguarda (B., 25 anos. Entrevistada em 02 de abril de 2019).

B. afirma que está gostando mais desse novo estilo que adotou e que acha que antes não estava com a “autoestima muito boa”. De certa forma, B. afirma que a culpa por ter sofrido preconceito foi dela por estar “desarrumada”.

L. afirma que não mudou seu estilo, mas que suas roupas contribuem para esconder o celular e a carteira por se tratar de peças mais folgadas. Caso a peça não dê para esconder ela não será usada com frequência, por isso dá preferência por roupas com bolso para poder “guardar o que se quer esconder”. Quando questionada se ela já pensa nisso ao comprar uma peça de roupa ela diz que não, só pensa ao provar a roupa em casa.

Mesmo L. afirmando que não mudou o seu estilo algo mudou. O fato dela ter sido assaltada quando vestia uma camiseta regata e por não ter como esconder seus pertences fez com que ela desse preferência por peças mais folgadas e a parar de usar camisetas mais justas quando precisasse sair com o celular.

Para S. o fato de sempre ter vivido em bairro “violento” fez com que ela adotasse um estilo “básico”. O uso de roupas curtas e decotadas eram associadas às “vete de favela”, que segundo ela eram as esposas ou namoradas dos integrantes do grupo criminoso que comandava o bairro. Para não ser associada à essas meninas/mulheres e para não sofrer assédio das pessoas da comunidade S. buscou usar roupas diferentes da que elas usavam, mesmo que isso a fizesse negar seus desejos em comprar um short curto por exemplo e a passar usar roupas que não gostasse para se sentir mais segura. A calça jeans e a camiseta são as principais peças que compõem o seu guarda-roupa.

Eu sempre uso calça comprida, jeans e legging. Legging só pra ir pra academia. [...]. Eu evito vim pra cá [UFC] com menos roupa e eu sempre uso blusa de manga assim, uma blusinha mais vestida. Até mesmo quando tá fazendo muito calor... Acho que eu já me acostumei. Mas é sempre assim que eu me visto (S., 21 anos. Entrevistada em 12 de abril de 2019).

S. diz que sempre está muito vestida, mesmo sendo peças que não trazem conforto térmico por causa do calor, ela as usa para evitar chamar atenção para si tanto por medo de sofrer assédio como por medo de ser assaltada. “Quem pode negar que aqui é horrível vestir calça, ninguém pode negar. Porque o calor acaba com a gente”. Somente no ambiente do lar é que se permite usar roupas mais curtas e confortáveis. “[...] quando eu tô em casa eu visto

shortinho, eu visto blusinha regata, as vezes quando eu tô com muito calor eu fico de top em casa, mas é em casa, não em outro lugar” (S., 21 anos. Entrevistada em 12 de abril de 2019).

Na sétima e oitava questão foi perguntado quais eram as prioridades na hora de escolher a roupa para sair de casa e quais peças transmitiam sensação de segurança para andar nas vias públicas. C. quando vai decidir o que vestir, para sair de casa, pensa no lugar e que tipo de ambiente que se pretende ir, mas antes de tudo o tipo de transporte é que rege suas escolhas, uma prioridade que se repete nas outras três entrevistadas. Como as roupas dela já trazem esse conforto que ela preza, o tipo de locomoção é que define o comprimento das peças.

Se eu sei que eu não vou precisar pegar ônibus, eu já visto uma coisa mais, mais curtinha, uma coisa que eu possa usar, um decote e quando é a noite que eu sei que não existe a possibilidade de pegar ônibus, eu posso usar o que tiver afim de usar, [...] eu acho que eu me sinto mais livre pra escolher o que eu quiser vestir (C., 20 anos. Entrevistada em 01 de abril de 2019).

B. programa todo o seu percurso ante de sair de casa. Também já separa a roupa para se “proteger” no ônibus. Se estiver com uma blusa que mostre mais o corpo ela usa um cardigã por cima para esconder e retira-o ao chegar ao seu destino. No uso da calça legging procura usar uma camisa mais larga e comprida que “cubra até depois do bumbum”, se não, troca a calça legging pela jeans. Há sempre um equilíbrio de comprimentos e larguras da roupa para que o corpo não fique exposto.

O mesmo acontece com S.. Tais preferencias refletem até na hora da compra, ao preferir camisas da seção masculina que já possuem essas especificações. “Adoro roupa masculina porque enfim, é mais larga e parece um menino. Com menino ninguém mexe” (S., 21 anos. Entrevistada em 12 de abril de 2019). Segundo Hollander (1996) foi a partir da imitação do “esquema masculino vigente” que as roupas femininas modernas se inovaram. As mulheres viram nas roupas masculinas confortabilidade por se ajustar folgadoamente ao corpo e por evidenciá-lo, ou seja, S. faz uso das roupas masculinas não apenas pelo conforto que elas podem proporcionar, mas também pelo representatividade do masculino que carregam, diante de uma sociedade patriarcal.

As falas de S. revela que sua prioridade sempre foi sentir-se segura, fazendo-o através do ato de cobrir o corpo, mesmo que isso significasse sentir mais calor. A calça e a camiseta com manga sempre fizeram parte do seu guarda-roupa, tanto é que o número de calças é cinco vezes maior que a quantidade de shorts. Assim como B., faz uso do cardigã quando usa camisas sem manga para se sentir mais protegida. S. expressa o desejo de usar outros modelos,

outras cores e de vestir algo que se sinta confortável sem se preocupar que algo aconteça pela sua roupa.

Para L. além de pensar no ambiente que se pretende ir e em como o seu humor está o que realmente define sua escolha do que vestir é se a roupa propicia esconder o celular no seu corpo.

Sempre eu fico pensando o lugar que eu vou esconder meu celular, tipo, se eu colocar dentro do meu sutiã, se minha blusa for transparente não vai rolar colocar dentro do meu sutiã, aí eu, ou troco por questão de segurança pra eu ter onde esconder ou então eu fico procurando lugares no meu corpo que eu não vá... que tipo, se pedir minha bolsa eu entrego, mas aí se me revistar já é outra história. E aí tem essa de blusa fechada mais aqui (mostrando na altura do degolo) que eu não vou tá de blusa e botar o celular bem aqui... (mostrando o celular no decote V na altura dos seios.) já não dá certo ou então no cós da calça... Se eu tiver de cinto dá certo, se eu não tiver de cinto já num dá muito certo. E aí por questão de violência a assalto, penso muito antes de sair (L. 20 anos. Entrevistada em 16 de abril de 2019).

Todas as entrevistas relataram que as roupas curtas e coladas, ou seja, aquelas que evidenciam o corpo da mulher são as peças apontadas como aquelas que não transmitem sensação de segurança para andar nas vias públicas, seja porque não dá para esconder um celular, porque aumenta os olhares desconfortantes ou porque associa ao estereótipo da “menina da favela”. Já as roupas compridas e largas, aquelas que cobrem mais o corpo, são apontadas como as mais confortáveis, no sentido de se sentir mais segura para sair de casa, pois, propiciam esconder aquilo que se deseja esconder como um celular ou uma parte do corpo.

Quanto ao uso de acessórios como brincos, relógios e colares, as entrevistadas relataram que em alguns casos como ir em lugares desconhecidos por exemplo, optam por não utilizar e se restringem a um brinco pequeno que não chame atenção para si. Uma relatou de colocá-los apenas no ônibus, pois se sente mais segura do que na rua. Quando decidem usar mais acessórios ou usar uma roupa de festa por exemplo, elas optam pelo transporte particular, ou da família, de amigos ou de serviço individual por aplicativo.

O uso dos calçados também foi comentado por duas das entrevistadas que moram em “favelas” ou próximo de uma, denominações dadas pelas entrevistadas e que são popularmente conhecidas por serem comandadas por grupos criminosos. Elas apresentaram uma aversão ao uso do chinelo por ser associado ao estereótipo dos integrantes desses grupos, por isso, evitam usá-lo para sair de casa.

Segundo Lima, Sousa e Mendes (2008) os moradores de bairros periféricos sofrem com a estigmatização do lugar propagado pelas mídias como já citado anteriormente. Os marginalizados são associados à criminalidade e à periferia, logo, a roupa se torna um

identificador desses indivíduos, gerando “desqualificação social e estranheza” não apenas aos praticantes de crime e violência, mas a todos os moradores que vivem em torno e que se utilizam das mesmas ferramentas (as roupas) para se distanciar desses grupos. (SIMMEL, 2005).

Com essas mudanças no estilo de se vestir por medo da violência a nona questão é referente à percepção das entrevistadas em identificar o outro quanto à classe social que, segundo Bourdieu (1983) se evidencia através das práticas e das propriedades que o cercam, como por exemplo, a roupa, atuando como “máscara social” podendo confundir tal identificação. A questão também questiona os motivos em estar caracterizado segundo a sua classe social ou descaracterizado para trafegar nas vias públicas.

Três das entrevistadas responderam que conseguem perceber se alguém tem uma condição financeira melhor através da aparência, isso inclui roupas, acessórios e o cuidado com o corpo. Para C. se a pessoa tem o transporte próprio ela terá mais liberdade em escolher o que vestir, ao contrário ela teria que “se colocar em situações que são mais perigosas” como ter que fazer trajetos a pé e andar de ônibus.

B. diz que consegue identificar se alguém se descaracteriza do seu estilo, que segundo ela é um “desleixo” e que até mesmo esse “desleixo” é seguindo uma “tendência de desleixado”. “O cabelo é desleixado de uma maneira correta entre aspas, sabe. É uma camisa desleixada mas dá pra ver que o tecido é de boa qualidade e é uma marca tal, sabe. É meio que montando um personagem de desleixado” (B., 25 anos. Entrevistada em 02 de abril de 2019).

Já L. percebe quanto à caracterização, ou seja, quando a pessoa se “arruma” mais e que segundo ela é na tentativa de ser aceito e não sofrer preconceito.

Se elas (as amigas) estão muito arrumadas, no caso que eu citei, de algum lugar que requer mais dinheiro pra ir. Não vejo que seja por violência, mas por tipo, não ter olhares estranhos tipo: Meu deus. Quê que esse povo tá fazendo aqui, esse povo tão desarrumado tá fazendo aqui? É o preconceito, não a violência tipo, assédio, essas coisas (L. 20 anos. Entrevistada em 16 de abril de 2019).

De acordo com Bourdieu (1983) gostar de coisas ou lugares que, de certa forma, não se encaixam no perfil de determinado estilo de vida é uma forma de recusa dos outros estilos de vida. Se o estilo de vida é uma espécie de guia que orienta o indivíduo sobre o que gostar, e se o gosto é construído culturalmente e socialmente, a aquisição dessa cultura segundo o autor pode ser de forma “natural” ou “tardia”. No caso das amigas de L. se “arrumar” mais, seria uma tentativa para estarem esteticamente “iguais” as demais pessoas desse lugar que

“requer mais dinheiro”, uma espécie de pertencimento daquele ciclo social. E ainda segundo o autor, a “pretensão cultural”, ou seja, o querer ser pertencente de determinada classe social, requer investimentos quanto ao conhecimento sobre os códigos e os “símbolos de distinção”, na tentativa de ser ou parecer pertencente desta classe. A roupa se torna um mecanismo maleável para a manipulação desses símbolos e códigos por comunicar, por ser ou parecer (SANT’ANNA, 2007).

Quanto à descaracterização L. diz que não consegue perceber se alguém que pertence a determinada classe social está diferente em relação ao estilo que normalmente usa, mas acredita que se isso acontece é por questões de segurança. O mesmo acontece para S. que trabalha no Centro de Fortaleza e vê que pessoas de classe social mais alta adotam um estilo mais básico para não chamar atenção para si e passarem despercebidas, ou seja, se utilizam das roupas como mecanismos de proteção dando uma certa tranquilidade, aqui colocado com oposição ao medo, para que assim se sintam mais seguros (PAIVA, 2007)

8 CONCLUSÃO

As visões da mulher ao longo da história se deu através da inferiorização e subordinação à figura masculina, que podia ser o marido, pai ou irmão, cabendo ao homem o papel do trabalho no meio público e à mulher ao ócio na vida doméstica. Durante a idade média as mulheres foram associadas ao pecado da luxúria, seus corpos considerados campos do pecado e suas roupas “esconderijos” do mal.

No período feudal as mulheres se tornam um meio de riqueza através do casamento que as condicionavam ser propriedade do marido. Com a sua liberdade limitada foram nas roupas e nos penteados que as mulheres encontraram um meio de expressão e resistência à opressão. Com a ascensão da burguesia a indumentária feminina passou a revelar não apenas os atributos do sexo, mas o poder econômico do marido, tonando-se expositoras dos feitos do trabalho dos homens.

O uso de muitos tecidos nas roupas femininas impedia os movimentos e acentuavam seus lugares de espectadoras da vida pública e do trabalho. Já que as roupas eram a única forma de expressão feminina foi a partir delas que os movimentos feministas iniciaram uma mudança da realidade enfrentada por elas, a começar pelo uso da calça até então exclusivas do guarda roupa masculino.

As guerras propiciaram uma profunda mudança nas roupas femininas, pois tiveram que ocupar os postos de trabalho dos homens que morreram nas guerras e suas roupas precisaram se adequar a esse novo estilo de vida. Aos poucos as mulheres foram assumindo seu espaço, mas foi com o advento da pílula anticoncepcional que elas passaram a assumir o controle sobre seus corpos e a roupa acompanhou essa nova era.

A década de 1980 foi marcada pela valorização do corpo e o corpo da mulher que antes era subordinado aos homens passou a ser da mídia, com suas exigências de beleza e perfeição. Essa idealização de corpo acaba por transformar sua identidade possibilitando a adoção de múltiplas identidades. Acabou também, por revelar uma sociedade que mede o caráter da mulher pelo tamanho de suas roupas, revelando uma continuidade de uma sociedade que a oprime pelos seus comportamentos e suas roupas que não se enquadram em um perfil imagético de mulher e que remetem ao tempo em que eram apenas seres do lar, dedicadas aos cuidados da família, subordinadas aos homens e sem direito a voz.

Essa não aceitação gera muitos casos de violência contra as mulheres e a resistência que muitas tem em não registrar estes casos, seja por não haverem políticas de proteção ou por acharem que não resulta em nada, dificulta saber qual a verdadeira dimensão deste problema

que ainda acomete nossa sociedade. As lutas em defesa da mulher revelaram uma importante ferramenta de conscientização dos direitos e do espaço não somente das mulheres em si, mas de toda a população. As leis revelam que mesmo com a existência de uma legislação elas não garantem total proteção, mostrando que o problema não é só legislativo, mas cultural. É justamente por essa sensação de não estar totalmente resguardada perante a lei que as mulheres adotam outros mecanismos para se sentirem seguras, como a utilização das roupas como armaduras de proteção. O uso de determinadas peças de roupas não as isentam de sofrer um ato de violência, mas, como foi percebido, propiciam uma sensação de segurança e lhes dá maior confiança para trafegar nas vias públicas.

Desde muito jovens as mulheres passam por situações no mínimo constrangedoras como as cantadas e assobios na rua e que infelizmente em alguns casos chegam até ao contato físico. É assim que acontece para a maioria das mulheres e é assim para as estudantes de Design-Moda da Universidade Federal do Ceará, em Fortaleza, que relataram ter sofrido atos de violência em diversas ocasiões e lugares. O lugar e o uso do transporte público, ou seja, o ônibus foram apontados como os fatores que mais interferem na escolha da roupa. Com relação ao transporte não necessariamente é pelo ônibus em si, mas pelo grande número de assédio e assalto que acontecem nesses lugares e pelo fato de que em algum momento terão que caminhar na rua para chegar em casa ou para ir a uma parada de ônibus. O medo por parte das estudantes em decorrência da sensação de insegurança pública causado pelo aumento da violência, de que algo possa acontecer a elas faz com que adotem um novo estilo para frequentar esses lugares, que traz uma sensação de segurança.

A calça jeans e a camiseta larga foram apontadas como as peças que mais dão a sensação de segurança justamente porque cobrem boa parte da pele e disfarçam as curvas do corpo. Já as peças curtas e apertadas, principalmente a saia curta, são aquelas que as estudantes apontaram que não dão segurança para andar na rua. O uso de tais peças fica destinado apenas ao lar, ou seja, à vida privada ou a lugares em que não se usará o transporte coletivo para chegar.

Mesmo com essa precaução não foi o suficiente para que algumas meninas fossem assediadas. Segundo elas a roupa pode ter sido o motivo, evidenciando que a culpabilização da vítima é um dos motivos pelas mulheres não registrarem um boletim de ocorrência. Depois do ocorrido foram tomadas outras medidas para que isso não volte a acontecer. A mudança de estilo e a negação por peças semelhantes às que usavam no momento do ocorrido são um exemplo.

Tal mudança de estilo e conseqüentemente gostos a partir de um caso de violência levou as estudantes a uma nova percepção delas mesmas e mostra que novos signos vão sendo criados a partir da necessidade de se sentir segura, atribuindo as roupas o papel de guardião pessoal do corpo. Mostra também que essas alterações realizadas no vestuário estão relacionadas com a classe social a que pertencem seja por não terem seu transporte próprio e por isso dependerem do transporte público para se locomoverem na cidade ou por morarem em bairros estigmatizados ou que aconteçam muitos casos de violência. Um fato relatado pelas entrevistadas revela que se alguém tem uma condição financeira melhor ela terá seu próprio transporte, podendo sentir-se livre para escolher o que vestir.

Mesmo com todas essas mudanças no vestuário na tentativa de se sentir mais segura para trafegar nas vias públicas ainda é possível identificar o outro quanto a sua classe social porque mesmo a descaracterização, como não usar certos acessórios ou roupas de marca, os detalhes evidenciam, seja pelo tecido, pelos cuidados com a higiene, com o cabelo e até mesmo o uso de acessório menores e minimalistas.

Este trabalho buscou aproximar duas áreas diferentes, mas que se mostraram muito próximas. Buscou-se identificar como a violência, algo corriqueiro na vida das grandes cidades atuais, interfere nas escolhas do vestir e no estilo pessoal. Como desdobramentos deste trabalho uma futura pesquisa pode buscar entender a relação da violência com as roupas a partir do ponto de vista de quem usa transporte próprio, a partir também do ponto de vista dos homens, se há mudança no seu vestuário para se sentir mais seguro nas vias públicas e como acontece. Pode-se também pesquisar se as marcas se utilizam deste fator segurança para a criação de peças que transmitam essa sensação e como os clientes absorvem o conceito.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carla Coelho de. **Entre Gangues e Galeras: Juventude, Violência e Sociabilidade na Periferia do Distrito Federal**. 2007. 276 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia, Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- ARAÚJO, Denise Castilhos de; LEORATTO, Daniele. Alterações da Silhueta feminina: A influência da moda. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Curitiba, p.717-739, 3 jul-set. 2013. Trimestral. Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=401338594014>>. Acesso em 11 de maio de 2019.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. França: Edições 70, 1977. 229 p. Tradução de Luís Antero Reta e Augusto Pinheiro.
- BOURDIEU, Pierre. “Gostos de Classe e estilos de vida”. In.: ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Atica, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).
- BOUCHER, François. **A História do Vestuário no Ocidente**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- BRAGA, João. **História da Moda: Uma Narrativa**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2007. Coleção Moda e Comunicação / Kathia Castilho (Coordenação).
- BRANDINI, Valéria. **Moda, Comunicação e Modernidade no Século XIX**. A fabricação sociocultural da imagem pública pela moda na era da industrialização. **Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Linguagens Universidade Tuiuti do Paraná**, Paraná, 2008.
- CALDAS, Artemisia Lima; LOPES, Humberto Pinheiro; CARVALHO, Miguel Ângelo F.. **As Condições da Ergonomia do Conforto na Elaboração do Vestuário do Idoso**. In: COLÓQUIO DE MODA, 14., 2018, Curitiba. Anais dos Colóquios de Moda. Curitiba: Abepem, 2018. p. 1 - 2. Disponível em: <<https://bit.ly/2Y3gpXu>>. Acesso em: 03 jun. 2019.
- CARACIOLA, Carolina Boari. **A Influência da Moda na Sociedade Contemporânea**. São Paulo, 2015.
- CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA (Org). **Retratos da Sociedade Brasileira-Segurança Pública: Medo da violência limita uso das cidades**. 2017. Disponível em: <https://static-cms-si.s3.amazonaws.com/media/filer_public/7c/d5/7cd59272-ccfa-4a51-

8210-33c318969a42/retratosdasociedadebrasileira_38_segurancapublica.pdf>. Acesso em: 17 maio 2018.

CRANE, Diana. **A Moda e seu Papel Social: Classe, Gênero e Identidades Sociais**. 2. ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2006. Tradução de Cristina Coimbra.

CRUZ, Tércia Maria Ferreira da. Mídia e Segurança Pública: a influência da mídia na percepção da violência. **Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação Universidade Federal de Juiz de Fora / Ufjf**, Juiz de Fora, v. 2, n. 2, p.0-0, dez. 2008. Disponível em: <<https://lumina.ufjf.emnuvens.com.br/lumina/article/view/173/168>>. Acesso em: 09 mar. 2018.

DESOUZA, Eros; BALDWIN, John R.. **A Construção Social dos Papéis Sexuais Femininos. Psicologia: Reflexão e Crítica**, Hilinois-eua, v. 13, n. 3, p.485-496, 2000.

DOMINGOS, Leandro; JESUS, Sidney de. **Medo constante de violência fez sociedade mudar modo de viver**. 2015. Disponível em: <http://www.jornalnh.com.br/_conteudo/2015/05/especial/165677-medo-constante-da-violencia-fez-sociedade-mudar-modo-de-viver.html>. Acesso em: 09 mar. 2018.

FALEIROS, V.P. **Violência Contra a Pessoa Idosa: ocorrências, vítimas e agressores**. Brasília: Universa, 2007.

FIALKOWSKI, Marilena; RIBEIRO, Edméia Aparecida. **A Moda como Reflexo das Transformações Sociais e Emancipação Feminina**. Paraná, 2014. 20 p.

FISHER-MIRKIN, Toby. **O Código do Vestir: Os significados ocultos da roupa feminina**. Rio de Janeiro: Rocco Ltda, 1995. Tradução de Angela Melim.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Fortaleza: UECE, 2002. Apostila

GRAVE, Maria de Fátima. **A Modelagem sob a Ótica da Ergonomia**. São Paulo: Zennex Publishing, 2004.

GODART, Frédéric. **Sociologia da Moda**. São Paulo: Senac São Paulo, 2010. 155 p. Tradução de Lea de P. Zylberlicht.

HOLLANDER, Anne. **O Sexo e as Roupas: A evolução do Traje Moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. Tradução de Alexandre Tort.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. A noção de Medo na visão dos moradores da cidade de João Pessoa – PB. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, João Pessoa, v. 6, n. 16, p. 58-86, abr. 2006.

KWITKO, Ana Paula. **O Sistema do Figurino no Cinema**: Uma abordagem semiológica. Revista Eletrônica do Programa de Pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, v. 2, n. 1, jun. 2010.

LIMA, Hércules Gomes de; SOUSA, Robyane Muniz Alcantara de; MENDES, Francisca Raimunda Nogueira. **Moda e Memória**: O Luto Como Resistência. In: VII SEMANA ACADÊMICA DE MODA, 2018, Fortaleza. Anais. Fortaleza: PetModa UFC, 2018. p. 94 - 105. Disponível em: <https://samufc.weebly.com/uploads/8/1/6/6/81669200/anais_vii_sam.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2019.

LIMA, Renato Sérgio de; BUENO, Samira. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2017**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2017. 108 p.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e Sexualidade: Pedagogias Contemporâneas**. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2>>. Acesso em: 26 fev. 2019.

_____. **Gênero, Sexualidade e Educação**. Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ. Uma perspectiva pós-estruturalista. Vozes, 1997.

MARCONI, M. de A; LAKATOS, E. M. de A. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MARIANA FLORES. Agência Cni de Notícias. **70% dos brasileiros mudaram seus hábitos em função da violência**. 2017. Disponível em: <<https://www.portalindustria.com.br/agenciacni/noticias/2017/03/70-dos-brasileiros-mudaram-seus-habitos-em-funcao-da-violencia/>>. Acesso em: 17 maio 2018.

MEAD, Margaret. **Sexo e Temperamento**. Editora Perspectiva S.A. São Paulo, 1935.

MELO, Ranniery. **Com 469 mortes, Ceará registra janeiro mais violento dos últimos cinco anos**. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/com-469-mortes-ceara-registra-janeiro-mais-violento-dos-ultimos-cinco-anos.ghtml>>. Acesso em: 09 mar. 2018.

MIZRAHI, Mylene. **Indumentária Funk: A confrontação da Alteridade Colocando em Diálogo o Local e o Cosmopolita.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 28, n. 13, p.231-262, jul-dez. 2007. Semestral.

MORE: **Mecanismo online para referências**, versão 2.0. Florianópolis: UFSC Rexlab, 2013. Disponível em: <<http://www.more.ufsc.br/>>.

NAVARRI, Pascale. **Moda & Inconsciente: Olhar de uma Psicanalista.** São Paulo: Senac, 2010. 211 p.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (E.UA.). Organização Mundial da Saúde (Ed.). **Informe Mundial sobre la Violencia y la Salud.** 588. ed. Washington, D.C: © Organización Mundial de La Salud 2002, 2003. 281 p. Título Original em Inglês: World report on violence and health.

PAIVA, Luiz Fábio S.. **Contingências da Violência em um Território Estigmatizado.** 2007. 193 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

PEQUENO, Letícia Sampaio. **Tempo de Luto, Hora de Luta: Sofrimento e Resistências das Mães de Adolescentes Vítimas da Chacina em Fortaleza/Ce.** 2018. 171 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Acadêmico em Serviço Social, Trabalho e Questão Social, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.

POPPER, Karl. **A Lógica da Pesquisa Científica.** São Paulo: Editora Cultrix, 1959,1968,1972. Tradução de Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA (Comp.). **Lei 12015/09 / Lei nº 12.015, de 7 de agosto de 2009.** Disponível em: <<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/818585/lei-12015-09>>. Acesso em: 17 maio 2018.

PÚBLICA, Fórum Brasileiro de Segurança (Org.). **Brasileiro de Segurança Pública 2017.** São Paulo, 2017.

_____. **Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil.** 2019. Cap. 6. p. 25-28.

RELATÓRIO internacional chama a atenção para a violência no Brasil. 2018. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/01/mortes-em-aco-es-policiais-sobem-30-no-brasil-em-um-ano-diz-relatorio.html>>. Acesso em: 09 mar. 2018.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. **Teoria de Moda: sociedade, imagem e consumo**. Barueri, SP, Editora Estação das Letras Editora, 2007.

SANTOS, Georgia M. de Castro. **A Roupas, A Moda e a Mulher na Europa Ocidental Medieval: Reflexo da opressão sofrida pela mulher na Idade Média (século XI-XV)**. 2006. 159 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arte Contemporânea, Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

SCARANCE, Valéria. Violência contra a mulher: um desafio para o Brasil. In: PÚBLICA, Fórum Brasileiro de Segurança. **Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil**. 2. ed., 2019. Cap. 4. p. 25-28.

SENNET, Richard. **O Declínio do Homem Público: As Tirantias da Intimidade**. São Paulo, Editora Companhia das Letras, 1976.

SILVA, Roberta Viegas e; GREGOLI, Roberta; RIBEIRO, Henrique Marques. **Análise: Resultado de Pesquisa Expõe Tolerância Social à Violência Contra as Mulheres em Espaços**

SIMMEL, G. Da Psicologia da Moda: um estudo sociológico. In: SOUZA, J; OLELZE, B. (Org). **Simmel e a Modernidade**. Brasília: Editora UNB, 2005.

SORCINELLI, Paolo (Org.). **Estudar a Moda: Corpos, vestuário, estratégias**. 2. ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2008.

SVENDSEN, Lars. **Moda: Uma Filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges.

TAVARES, Elaine. **A Cultura do Medo e da Violência**. 2014. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/node/27412/>>. Acesso em: 09 mar. 2018.

ZALUAR, Alba. **Integração Perversa: pobreza e tráfico de drogas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS**QUESTIONÁRIO**

1) Nome _____

2) E-mail _____

3) Telefone _____

4) Idade

- 17 a 19 anos
- 20 a 22 anos
- 23 a 25 anos
- 26 a 28 anos
- 29 a 31 anos
- Acima de 31 anos

5) Semestre

- 2°
- 4°
- 6°
- 8°
- 10°
- Outro _____

6) Renda familiar (renda total de toda a família - salário mínimo atual: R\$ 954,00)

- Sem renda
- Até 1 salário mínimo
- De 1 a 3 salários mínimos

- De 3 a 5 salários mínimos
- De 5 a 7 salários mínimos
- Acima de 7 salários mínimos

7) Que meio de transporte você mais utiliza?

- Veículo particular
- Transporte público
- Uber
- Veículo fretado

8) Você já sofreu algum tipo de violência - física, moral, psicológica, assédio, dentre outros - no meio público? (entende-se como meio público o local fora da sua casa).

- Sim
- Não

9) Se você respondeu sim, que tipo de violência? (Marque quantas achar necessário).

- Física (Coloca em risco a integridade física da pessoa)
- Moral (Calúnia, difamação ou injúria)
- Violência de gênero (Apenas por ser mulher)
- Psicológica
- Sexual
- Assédio
- Outros _____

10) Você que já sofreu violência, considera que a roupa foi um fator determinante para ter sofrido tal ato?

- Sim
- Não
- Talvez

- Outros

11) Você ainda possui a(s) peça(s) de roupa que você usou no dia que sofreu violência?

- Sim
- Não
- Não, mas posso recuperar

12) Você já deixou de vestir ou usar algo devido ao medo de sofrer violência?

- Sim
- Não
- Talvez

13) Em que grau o fator violência é relevante na hora de escolher o que vestir?

- Não é relevante
- Pouco relevante
- Relevante
- Muito relevante

14) Você muda ou já mudou seu estilo de vestir-se na tentativa de evitar sofrer violência?

- Sim
- Não
- Talvez

15) Com que frequência isso acontece?

- Raramente
- Às vezes
- Frequentemente
- Sempre

16) Assinale o grau de importância dos fatores abaixo na escolha do que vestir - Considere 1 o menor grau de importância e 5 o maior (Se você estiver respondendo pelo celular, role para o lado para ter acesso as outras opções desta questão).

	1	2	3	4	5
Local	•	•	•	•	•
Clima	•	•	•	•	•
Tipo de locomoção	•	•	•	•	•
Medo de sofrer violência	•	•	•	•	•
Conforto	•	•	•	•	•

17) Quais peça(s) de roupa te passam uma maior sensação de segurança para trafegar nas vias públicas? (Marque quantas achar necessário).

- Camiseta
- Calça Jeans
- Legging
- Short curto
- Saia curta
- Saia longa
- Blusa de alça
- Vestido curto
- Vestido longo
- Outros _____

18) E quais as que menos te dão sensação de segurança para trafegar nas vias públicas? (Marque quantas achar necessário).

- Camiseta

- Calça Jeans
- Legging
- Short curto
- Saia curta
- Saia longa
- Blusa de alça
- Vestido curto
- Vestido longo
- Outros_____

19) Você aceitaria participar de uma entrevista pessoalmente?

- Sim
- Não

APÊNDICE B – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

ENTREVISTA

1. Como você percebe a violência? Quando ela ficou mais evidente para você?
2. Como foi o caso que você sofreu violência? Foi de que tipo?
3. Você acha que a roupa influenciou para ter sofrido tal ato?
4. Você mudou seu estilo ou de usar determinada peça de roupa depois do ocorrido?
5. Como você se vestia antes do acontecimento? E agora, mudou? O que mudou?
6. Qual é o seu estilo de roupa? Como elas são?
7. Como você escolhe as tuas roupas para sair? Quais são as prioridades?
8. Quais são as peças que te proporcionam e que não proporcionam uma maior sensação de segurança para andar nas vias públicas?
9. Com relação a roupa, você acha que as pessoas estão se caracterizando para não sofrer violência ou elas estão se descaracterizando? Como você percebe isso?